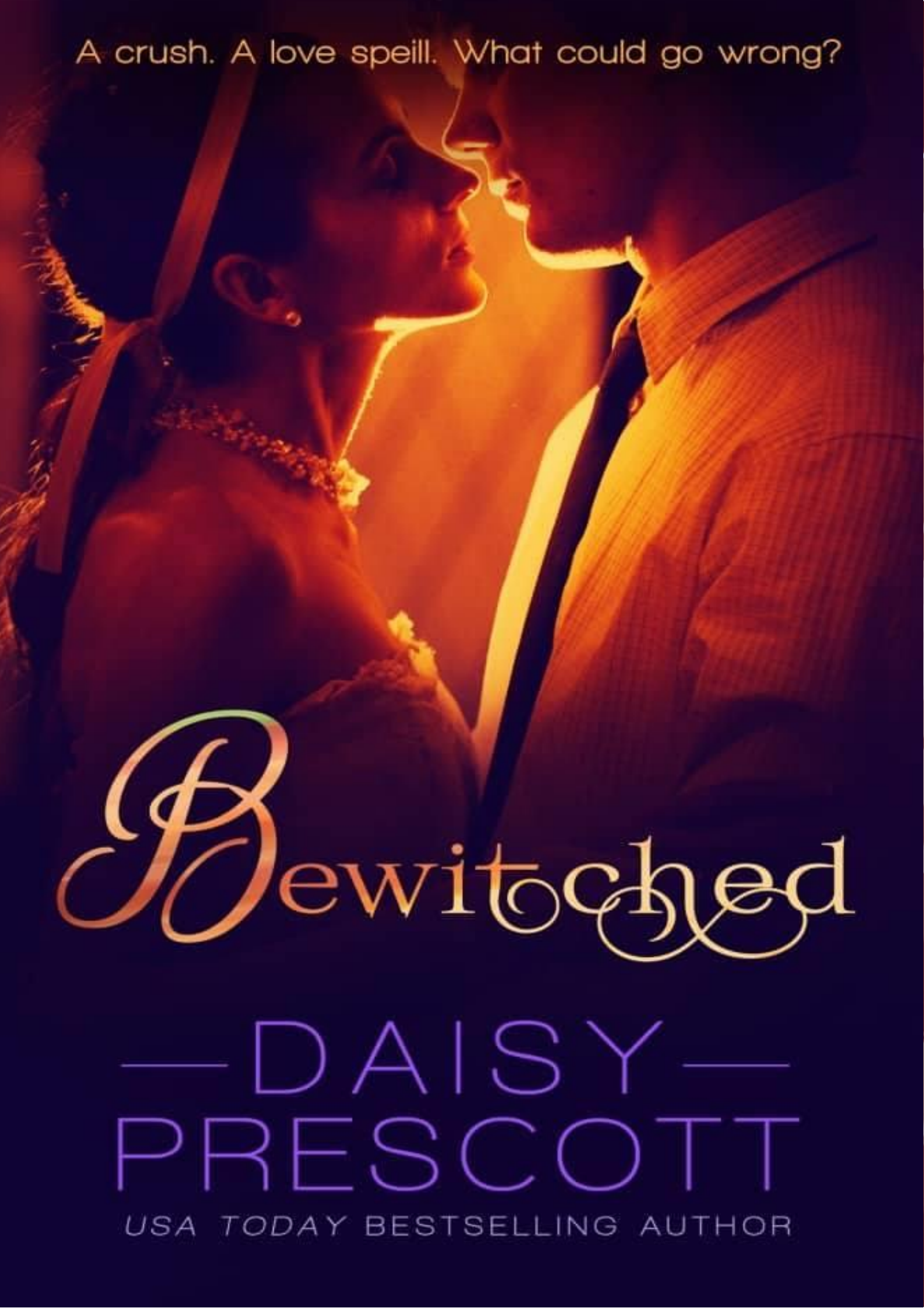
A crush. A love speill. What could go wrong?



Bewitched

DAISY PRESCOTT

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



É TEMPO DE CELEBRAR!
1 ANO WAS!



TRADUÇÃO: MIKA HANAZUKI

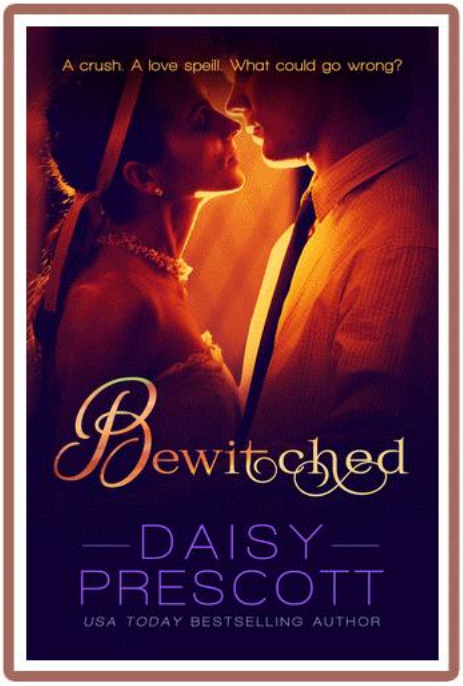
REVISÃO INICIAL: MIKA HANAZUKI

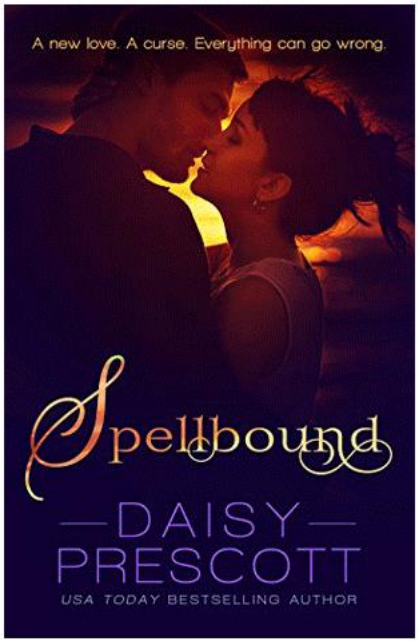
REVISÃO FINAL: AURORA WINGS

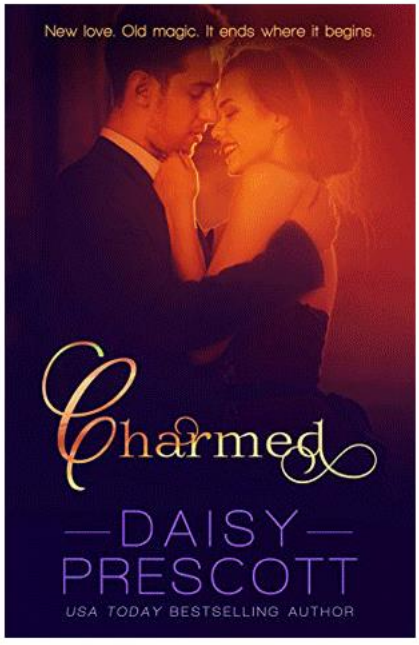
LEITURA FINAL: SERAPH WINGS

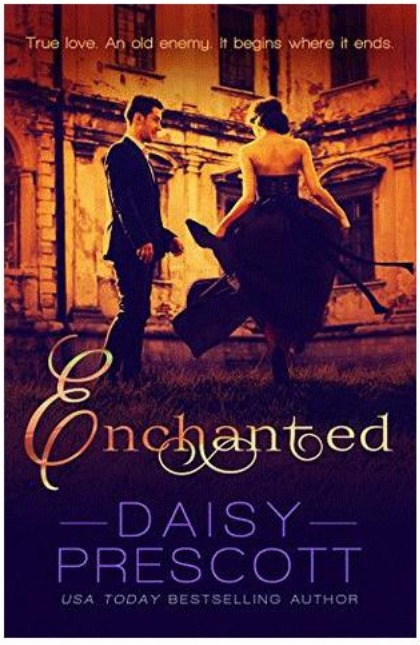
FORMATAÇÃO: AURORA WINGS

SÉRIE BEWITCHED
DAISY PRESCOTT









WARRIORS ANGELS OF SIN WAS
TRADUÇÕES

AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Madison Bradbury não está interessada em feitiços ou magia, ou qualquer coisa relacionada à Hocus-Pocus, apesar de ser descendente das bruxas originais de Salem. Sua vida como uma caloura na faculdade Hawthorne é chata. Perfeita assim. Isso, até que Andrew Wildes aparece em sua classe, como um herói tranquilo e reflexivo, direto de um de seus romances favoritos.

Quando uma bruxa local convence Madison a usar um feitiço de amor em sua paixonite, o que acontece em seguida é mais do que mágico.

Uma paixonite. Um feitiço de amor. O que pode dar errado?

Bewitched é um livro curto e o primeiro de uma série de histórias mágicas que continua com Spellbound.

Capítulo Um

— Hester Pryne[1] era uma puta.

— Ela não era. Você é um babaca neandertal! — Minha cadeira raspa o piso de madeira gasto enquanto eu fico em pé e grito. Sim. Grito. Eu estou gritando no meu seminário de Literatura da Nova Inglaterra, conduzido por um homem em uma jaqueta de tweed com remendos no cotovelo. *O que há de errado comigo?*

— Senhorita Bradbury, por favor, sente-se — o professor Philips me repreende da cabeceira da longa e polida mesa de mogno.

Cruzo os braços e tento controlar o meu temperamento enquanto encaro a árvore troll conhecida como Luke Hamilton, vulgo autoproclamado "Chefe do Campus" e garoto de ouro. — Professor Philips, como você pode simplesmente deixar que ele derrame toda essa bobagem sobre Hester Pryne ser uma puta? Ela não fez um voto religioso ou se masturbou.

— Isso seria quente. — Hamilton bufa a alguns lugares de distância. O cabelo loiro, do menino de ouro, cai sobre a sua testa enquanto ele desenha peitos, com A's neles, na margem do seu livro.

Repugnante. Eu não consigo descobrir porque ele está nessa aula. A leitura não parece ser sua coisa. As únicas coisas que parecem interessá-lo são peitos, festas de barril de cerveja e ele próprio.

---

[1] Hester Prynne é a protagonista do romance A Letra Escarlate, de Nathaniel Hawthorne. Ela é retratada como uma mulher condenada por seus vizinhos puritanos.

Eu continuo meu discurso. — São necessárias duas pessoas. Duas. Hamilton e sua mão não conta como duas pessoas. Argh! — Atiro minha caneta no bloco de anotações. — Ele está perdendo o ponto. Hawthorne não era um vagabundo envergonhando Hester. — Agito meus braços em algum tipo de dança estranha de acasalamento de orangotangos.

Uma caneta batucando no extremo oposto da longa mesa chama minha atenção, e o feitiço da minha frustração se dissolve. O som vem de Andrew Wildes, residente, calmo, sério, bonito, um homem misterioso e um pouco perigoso. Ou talvez ele seja apenas quieto.

Há algo nele que acho fascinante, como o herói sombrio de um dos romances das irmãs Brontë[2]. Enrubescendo, sento na minha cadeira, arrumando uma pilha de anotações e meu bloco post-it cheio de transcrições de A Letra Escarlate. O Dr. Phillips proibiu laptops na sala de aula, encorajando-nos a tomar notas à mão por causa de algum estudo do cérebro que ele leu sobre a memória.

— Você tem algo a acrescentar à discussão, Sr. Wildes? — Dr. Philips pergunta, concentrando sua atenção no outro lado da mesa.

Andrew olha para os seus dedos, que batem na mesa em meio a um monte de poeira dançando no sol de meados de setembro. O resto dele permanece nas sombras, fazendo com que seus grossos cabelos escuros e a pele pálida se destaquem em maior

[2] As três irmãs, Charlotte, Emily e Anne, tornaram-se notadas, em meados do século XIX, na literatura inglesa. As três foram escritoras de grandes romances.

contraste. Sua camiseta preta desbotada só aumenta a vibração que o rodeia. Ele nunca fala na aula a menos que o Dr. Philips o chame, e suas respostas são muitas vezes tão estranhas, que a maioria dos alunos o ignora. Isso deve ser interessante.

— Madison está certa. Hawthorne não estava envergonhando Hester. Os puritanos estavam. Hawthorne estava mais interessado em pecado e conhecimento, exclusão, e medo do desconhecido. Seria como nós escrevendo sobre os vitorianos. Os puritanos eram uma história antiga para ele. No máximo, acho que ele está zombando deles.

Minha boca cai aberta. Andrew está me defendendo. Ele esclarece todo o meu argumento em duas frases. Eu assumi que ele não soubesse da minha existência, embora seja apenas uma turma de doze alunos.

— Bem dito, Andrew, — elogia Philips. — Você e a Srta. Bradbury estão no caminho certo com seus pensamentos.

Hamilton zomba e se recosta na cadeira, deixando os pés dianteiros subirem alguns centímetros acima do chão. Ele murmura entredentes: — Puta.

A cabeça de Andrew vira em nossa direção. Atrás de seus óculos, seus olhos castanhos cruzam com os meus antes de fixarem na expressão presunçosa de Luke.

Eu quero apagar o estúpido sorriso de mauricinho da cara de Hamilton. Meus dedos se contraem enquanto me concentro em resistir ao impulso de lançar meu livro nele. Pelo menos uma vez eu

adoraria vê-lo cair na sua presunção. Eu franzo o nariz e estreito os olhos enquanto imagino-o caindo no chão. Nuvens cobrem o sol, escurecendo a única fonte de luz da sala. A cadeira de Luke inclina mais para trás, além do ponto de equilíbrio, mas ele não parece perceber até que seja tarde demais. Seus braços se agitam, lutando para impedir o inevitável. Com um barulho alto, Luke e sua cadeira se espatifam no chão.

— Ha!— Eu olho em volta para ver quem ouviu o meu desabafo. A maioria dos meus colegas de classe não estão conseguindo reprimir suas próprias risadas enquanto todos olham para o lugar vazio na mesa onde Luke estava sentado. Meus olhos mais uma vez encontram os de Andrew. Ele abaixa a cabeça e empurra os óculos para o nariz com o dedo comprido e fino, mas seus lábios se curvam e uma leve covinha afunila sua bochecha.

— Aí, eu acho que machuquei a minha cabeça. — Luke geme do chão.

— Sr. Hamilton, saia do chão, por favor, para que possamos continuar a aula. — A barba grisalha do Dr. Philips se contrai com aborrecimento.

Luke resmunga e exala alguns palavrões criativos enquanto retoma seu lugar na mesa. Eu mordo o interior da minha bochecha para não rir de alegria.

A aula continua com os outros alunos refletindo sobre seus pensamentos sobre puritanos e sexo. Eu me desligo, lembrando da queda de Luke e me perguntando se eu desejei que isso acontecesse

com força suficiente para fazer acontecer. Se eu pude fazer Luke cair, o que mais poderia fazer se desejasse com bastante força?

Afinal, estamos em Salem. Acusados de bruxaria foram mortos aqui, mas hoje as ruas estão cheias de lojas que vendem poções mágicas, caldeirões e livros sobre Wicca para novas bruxas e turistas. Não que eu acredite em bruxas. Ou magia. Isso é tudo hocus-pocus[3] e não é real. Eu poderia amar heróis românticos, mas conheço ficção quando a vejo. Mesmo quando todos esperavam por sua carta de Hogwarts, eu sabia, sem sombra de dúvidas, que era uma trouxa.

Philips se levanta e reúne suas coisas. — Na semana que vem vamos discutir o *As Bruxas de Salem*, o artigo de Arthur Miller sobre os julgamentos das bruxas que tornaram Salem famosa, ou infame, por assim dizer.

Eu realmente me distanciei e perdi o resto da aula.

— Ótimo, mais hipócritas e vadias, — Luke murmura.

Eu atiro um olhar nele. — Sério?

Ele encontra meu olhar e um sorriso lento e sinistro se espalha por seu rosto inchado de cerveja.

— Porque você está sorrindo? — Eu zombo.

— Hipócritas e vadias. Esta aula poderia ser sobre você.

— Cale a boca, Hamilton. — Eu me movo em torno dele em direção à porta.

---

[3] **Hocus Pocus** é o nome de um encantamento utilizado por mágicos do século XVI (*hocus pocus, tontus talontus, vade celerita jubes*) com a função de criar um ar de mistério em suas performances.

— Se os títulos se encaixam.

Eu mostro meu dedo do meio por cima do meu ombro sem me virar.

— Oh, não fique louca. Oh espere, eu acho que você não tem escolha, — ele fala atrás de mim, rindo de sua piada estúpida sobre o meu nome.

Eu ando pisando duro pelo corredor. Do lado de fora das portas de vidro, grandes gotas de chuva espalham-se pela calçada de tijolos. — Este dia poderia ficar melhor? — Eu digo em voz alta. Gritando na aula e agora estou falando com o clima.

Uma mão pálida com dedos longos e familiares segura um daqueles minúsculos guarda-chuvas dobráveis na minha linha de visão. — Aqui.

Não tenho certeza sobre o dia ficar melhor, mas parece que pode ficar mais estranho.

Eu olho para cima para encontrar os olhos escuros de Andrew. Sua estrutura esguia eleva-se sobre mim. Do seu All Star preto ao seu cabelo quase preto, ele poderia ser um hipster, mas é muito nerd, muito legal, algo demais, para estar na moda. Talvez sejam os óculos; os grossos aros pretos não são exatamente elegantes. Seu cabelo bagunçado indica falta de um pente em vez de travessuras na cama. Ele parece inteligente, se a inteligência tivesse uma expressão facial. Inteligente demais para seu próprio bem.

Andrew pigarreia. Estou encarando-o. Definitivamente mais estranho. Eu me atrapalho com algo inteligente para dizer.

— Oh, obrigada. Eu tenho meu capuz. — Eu alcanço atrás da minha cabeça para puxar meu capuz cinza sobre o meu cabelo para provar isso. — Eu vou ficar bem.

— Ok. — Ele segura o meu olhar enquanto enfia o guarda-chuva em sua mochila. — Sem problemas.

Ele não diz mais nada. Eu decido ficar quieta para não ser mais envergonhada pelo meu constrangimento. Além disso, algo sobre ele me faz vibrar. Ele me perturba, e não tenho certeza se isso é bom ou não. Hesito antes de lhe dar um pequeno sorriso e sair correndo pela porta.

A chuva pulveriza numa névoa a poucos metros do caminho, e eu puxo meu capuz. Talvez meu dia tenha começado a mudar. Sorrindo, procuro por Andrew na porta ou nos degraus atrás de mim, mas ele desapareceu.

Capítulo Dois

Dentro do café do campus, Sam senta à nossa mesa habitual. Hoje, seu longo cabelo loiro está entrelaçado em duas tranças, que envolvem o topo da cabeça. Ela parece uma leiteira, com a aparência de uma garota de uma cervejaria alemã. Ela é a o *Yin* loiro para o meu *Yang* moreno. A alta e eu a nanica. A diversão para minha seriedade. A manteiga de amendoim para meu doce de geleia.

— Eu comprei seu latte sabor abóbora favorito. — Ela aponta para um copo branco fumegante na mesa na frente da minha cadeira.

Eu inalo o vapor do meu copo. — Obrigada. Eu preciso disso. — O dia chuvoso pede o calor do outono em um copo. Eu arranco meu capuz úmido e corro meus dedos pelo meu novo cabelo curto.

— Dia difícil com os puritanos? — Ela pergunta.

— Dia difícil com Hamilton.

— Ele é um grande *cogumelo venenoso*. — Sam nunca usa palavrões típicos, mas a intenção é a mesma.

— Ele realmente é.

— O que o miolo de lagartixa fez agora?

Eu explico seus comentários na aula e rimos sobre o carma de sua queda.

— Talvez não tenha sido carma. Você desejou que ele calasse a boca e se tornou realidade. — Eu dou a ela um olhar de soslaio. — Sam.

— Maddy.

— Eu não sou uma bruxa. Não há poderes mágicos. — Eu mexo meus dedos na frente do rosto dela.

— Você não sabe disso. Você nunca tentou.

— Meus ancestrais podem ter sido de Salem, mas todos nós sabemos que essas bruxas não eram bruxas.

— Talvez não as inocentes que foram mortas, mas isso não significa que magia não existe aqui.

Eu reviro meus olhos. — Eu acho que você passou muito tempo no centro, nas lojas turísticas.

Sam imita meu revirar de olho. — Tão cética. Onde está seu senso de imaginação e questionamento?

— Eu devo tê-los perdido quando parei de assistir filmes de princesas da Disney.

— Minha mãe nunca me deixou assistir a esses.

— Ah, isso explica tudo então. Mais Branca de Neve e menos Wicca teriam te feito bem.

— Falando em Wicca, você virá comigo para The Spelling B depois das aulas? Preciso comprar um novo kit de cartas de tarô.

— O que há de errado com o kit que você tem?

— Eu acho que a energia ruim de Lucy arruinou a sua magia.

— Lucy Lucy? — Eu encaro minha colega de quarto em estado de choque.

— Eu sei, eu sei. Sim, *aquela* Lucy, mas ela me pagou vinte dólares por uma leitura.

Lucy é a namorada de Hamilton. Eles são farinha do mesmo saco e, acredite em mim, eles merecem um ao outro. Eu franzo a testa só de pensar nos dois procriando e gerando humanos mais detestáveis.

— A leitura dela foi terrível, só para você saber.

— Isso é um algum conforto.

— Maddy, você ainda quer namorar Hamilton? — Ela brinca.

Eu estremeço. — Nós nunca namoramos. Eu não chamaria o que aconteceu no primeiro ano de namoro. O que eu estava pensando? — Eu nunca namorei Hamilton, mas saímos algumas vezes antes que eu percebesse que sapo ele realmente era.

— Você não estava. Você era uma caloura cheia de tesão. — A risada de Sam soa como sinos de vento delicados, até ela bufar. — Eu ainda não consigo acreditar que você deu uma joelhada na sua virilha no meio do lounge do alojamento.

— Ele agarrou meu peito na frente de todos. — Eu cruzo meus braços para proteger meu peito da lembrança.

— Eu ainda não sei o que você viu nele. Ele nem preenche a frente da calça jeans.

— Nem eu. Eca. — Eu mostro minha língua. — Vamos atribuir isso aos hormônios. Podemos falar sobre algo além de 'Língua-Demais-Hamilton'?

— Talvez você precise de algum tipo de purificação. Nós podemos te deixar manchada[4]! Ou talvez encontrar um feitiço de amor. — Ela balança as sobrancelhas.

— Manchada? — Meu ceticismo vem à tona.

— Com sálvia. Podemos comprar um pouco no centro da cidade.

— Ah, tá. — Eu franzo a testa. — Não vou cheirar como um frango assado? Eu estou certa de que atrairá todos os meninos. Pelo menos os chapados ou famintos.

— Alguns desses maconheiros são meio fofos. A essa altura, o que você tem a perder?

Nada. É o começo do terceiro ano e não há um solteiro elegível à vista. Eu suspiro. As colheitas estão mais magras do que uma super modelo nos dias de hoje. Os rapazes decentes têm namoradas ou são gays. Mesmo os caras não-tão-decentes como Hamilton estão emparelhados. Olhos castanhos atrás de armações negras piscam em minha mente, e eu imediatamente me pergunto se Andrew tem uma namorada. Ela provavelmente é uma estudante de matemática teórica, ou tem algum foco em poesia francesa esotérica, que requer cigarros importados e batom vermelho. Talvez ele tenha um namorado. Não me lembro de tê-lo visto com alguém no

[4] Manchar é um ritual nativo-americano com fumaça.

campus. Então, novamente, não me lembro realmente de vê-lo no campus até este semestre. Talvez ele tenha se transferido.

Deprimida, mas determinada, digo: — Você está certa, nada a perder além da minha dignidade.

— Então você vem comigo? Parou de chover. Não há desculpas.

— A chuva não me impediria. Eu não me derreto na chuva. Isso não prova que eu não sou uma bruxa?

— Só em Oz. — Ela pega sua bolsa, e enfia seus livros e anotações da mesa dentro, incluindo uma colher qualquer. Ela me pega vendo o pequeno furto. — Não julgue. Todas as minhas colheres continuam desaparecendo do nosso quarto.

— Talvez elas estejam encontrando o caminho de volta para suas devidas casas.

— Ou alguém está roubando-as.

— Isso não seria irônico? — Eu a cutuco com o cotovelo quando saímos do café. Com certeza, as nuvens ainda estão pesadas, ameaçando mais chuva.

***

Uma corrente de sinos em volta da maçaneta toca quando entramos em The Spelling B, a loja favorita de Sam para todas as coisas de bruxaria. O cheiro de incenso e ervas secas permeia o espaço minúsculo e escuro. Prateleiras tortas, afundadas com o peso de jarros, velas e livros lotam as paredes e formam corredores estreitos. Eu coloco minha bolsa volumosa mais perto do meu corpo,

com medo do recado '*Você quebra, seu carma compra*' na placa na porta.

Sam dirige-se para os fundos, resmungando sobre sálvia e cartas de tarô.

— Posso ajudar?

Viro-me em direção à voz e encontro um par de olhos azuis claros, quase incolores, situados no rosto de uma mulher de meia idade com um elaborado coque escuro preso por pauzinhos de laca vermelha. Vestida com um fluído vestido multicolorido, ela parece mais uma hippie do que bruxa de desenho animado.

— Oh, hum, não. Eu não sou uma bruxa. — Eu tropeço nas minhas palavras. — Não uma bruxa, quero dizer Wicca. Não que haja algo errado em ser uma bruxa. A menos que seja o século XVII. E aqui. — Eu falo sem parar até que uma mão macia se enrola no meu pulso.

— Você tem certeza? — Seu sorriso é gentil, quase familiar, mas de alguma forma penetrante, como se ela pudesse ver através de mim e percebesse que sou uma bagunça.

— Desculpa. Não. Eu acabei de ter uma aula sobre a antiga Nova Inglaterra. Fiquei muito exaltada sobre Hester Pryne, e vamos estudar os julgamentos de bruxas na semana que vem.— Estou balbuciando de novo.

— Ah, você estuda no Hawthorne College? — Ela pergunta, levando-me até um balcão onde uma variedade de morteiros, pilões e frascos de vidro transparente entulham a superfície plana.

— Eu estudo. — Eu examino o rótulo em um frasco: *óleo de prímula*. Parece inocente o suficiente.

— Você está tendo a aula do Professor Philips? Era popular quando estudei lá.

— Você estudou em Hawthorne também? — Minha voz soa mais incrédula do que pretendo.

— Ele já era velho naquela época. Isso é história antiga, eu sei. Ele de alguma forma nunca envelhece. Ainda usando as cotoveleiras?

Eu rio e livro-me do desconforto que senti ao entrar na loja. — Ele usa!

Ela abre frascos e adiciona várias ervas em um coador sobre uma caneca de cerâmica azul com um pentagrama do lado. Quando ela derrama água quente sobre a mistura, o cheiro de hortelã e algo terroso bate no meu nariz.

— Aqui, beba isso.

— O quê? — Eu me afasto do balcão. Minha bolsa bate em uma tigela de pequenas pedras, que vibram ruidosamente no piso irregular de madeira enquanto caem. Eu me inclino para pegá-las.

Um empurrão suave me afasta do caminho. — Pare. Deixe-me lê-las para você. — Ela se inclina para estudar as pedras. — Interessante, muito interessante. — Seu dedo elegante bate no queixo. — Oh, olhe para isso. Eu não vejo isso há anos.

Eu olho para as pedras no chão, algumas têm marcas, que parecem com as runas que Sam guarda em uma bolsa de veludo em

sua mesa. Eu fico ali, sem saber o que fazer com as minhas mãos, enquanto ela continua o seu exame, exclamando suavemente para si mesma. Finalmente, ela se levanta e olha para mim.

Por muito tempo.

Pelo menos uma hora.

Ou o que parece uma hora de intenso escrutínio.

Meu rosto fica quente e minha testa coça. Eu olho ao redor, incapaz de continuar a encontrar seu olhar firme, e coço uma coceira inexistente acima da minha sobrancelha.

Ela finalmente para com seu concurso de encaradas. — Seu chá está ficando frio.

— Chá?

— Sim, eu fiz uma xícara de chá de hortelã. O que você achou que fosse?

— Hum, bem. — Eu deixei meu olhar voar ao redor da loja e encolhi meus ombros.

Sua risada ecoa como os sinos da porta, claros e etéreos. — Você pensou que era uma poção?

Eu aceno, me sentindo idiota. Eu tomo um gole e deixo o calor acalmar meus nervos.

— Oh, minha querida. Não. Eu nunca daria uma poção a menos que você pedisse uma. — Ela me estuda novamente. — Você quer uma? Talvez algo de concentração para melhores notas? Embora duvide que você precise disso. Hmm... talvez amor?

Eu encontro seus olhos brevemente e coro.

— Ah, amor, é isso.

— Não, não realmente. Não há ninguém no momento.

Seus olhos voltam para o chão antes de se ajoelhar para pegar as pedras. — Você tem certeza?

Eu penso na minha completa falta de vida amorosa. Eu não estou desesperada o suficiente para namorar alguém como Hamilton novamente, mas as coisas são sombrias. Mais macabras do que sombrias. Sábado à noite sozinha, ou parada desajeitadamente em uma festa no campus, cuidando de um triste copo vermelho de cerveja barata[5]. Inferno, deixei Paul Uccello me beijar há duas semanas. Seu sobrenome é gíria italiana para pênis. Eu nunca poderia casar com um homem e acabar com um pênis como meu sobrenome. Estranhamente, ele cheirava à galinha assada. Talvez seu colega de quarto o tivesse manchado antes da festa. Ou ele come muitas ervas e especiarias regularmente.

— Vê a runa mais próxima do seu pé? — Ela a pega e coloca na minha palma.

— Parece um B. — Eu seguro na minha mão e traço as linhas com o meu dedo.

— É o símbolo de novos começos e amor.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Talvez você tenha um admirador secreto.

Eu sacudo minha cabeça. — Ele deve ser imaginário tanto quanto secreto.

---

[5] Copos vermelhos são os copos oficiais das festas universitárias americanas.

Estudando meu rosto, ela franze a testa. — Tão cheia de dúvidas.

Sam chega no balcão com uma caixa de cartas de tarô e um monte de pacotes de sálvia. — Ei, você fez uma leitura? Isto é tão legal!

— Na verdade não. Eu derrubei a tigela de pedras com a minha bolsa.

— Não há acidentes, — as duas dizem ao mesmo tempo.

Eu reviro meus olhos.

— Ela não acredita, não é? — A dona da loja / bruxa / mãe natureza pergunta.

Sam solta um suspiro exagerado. — Não, e seus ancestrais são de Salem. Tipo Salem do século XVII.

— Sam, eu te disse, isso não significa nada. Dez gerações e sem uma bruxa no grupo. — Eu encaro a minha melhor amiga.

— Qual é o seu sobrenome? — Olhar Glacial me pergunta.

— É Bradbury.

— É? Bem, isso explica a leitura.

Eu olho para a runa ainda na minha mão.

Os olhos de Sam se fixam na minha palma. — Vê? Eu te disse que as coisas estavam mudando para você. E com Mabon ao virar da esquina! — Ela praticamente pula em seus calcanhares de excitação.

— Mabon? — Eu pergunto.

— Para você seria o equinócio de outono, — explica Sam. — Dia e noite iguais. Equilíbrio de luz e escuridão. A uma semana do sábado.

Nossa anfitriã acena com a cabeça. — Hora de abraçar a escuridão.

Suas palavras provocam um arrepio na espinha e eu tremo, embora a sala permaneça na mesma temperatura.

— Nós definitivamente precisamos manchar você em breve. Quanto antes melhor. E definitivamente antes de Samhain. — Ante minha expressão confusa, Sam explica: — Halloween para você. Oh, devemos fazer isso neste fim de semana. — Ela balança a cabeça, concordando consigo mesma.

Eu esfrego meus braços na tentativa de me aquecer. Uma sensação familiar formiga minha pele, e eu viro minha cabeça para encontrar olhos sem cor.

— Quando você estiver pronta, volte e fale comigo novamente. Eu sou Sarah, a propósito.— Ela estende a mão.

— Madison. — Quando minha mão toca a dela, tenho a nítida sensação de estar sendo lida ou analisada.

Nós nos despedimos e vamos embora, comigo praticamente empurrando Sam para fora da porta. Ela está no meio da frase sobre sua intuição quando a porta se fecha.

Enquanto percorremos as ruas tortuosas em direção ao nosso dormitório, Sam fala sobre o quão perversamente legal foi a Sarah

fazer uma leitura para mim, e como ela é uma bruxa poderosa, chefe do coven[6] local, e famosa por seus feitiços e intuição.

Eu enfio as mãos nos bolsos do meu casaco enquanto finjo ouvir. Meus dedos envolvem um objeto liso.

— Oh merda. — Eu puxo a pedra do meu bolso. — Eu roubei a runa dela.

Sam ri e balança a cabeça. — Macacos voadores! São cinco anos de azar por roubar uma bruxa.

Meus olhos se arregalam. Eu e meu carma estamos condenados.

— Estou brincando. — Seu ombro bate no meu. — Vamos lá, vamos levá-la de volta e explicar que você não estava pretendendo furtar, implorar por misericórdia e tudo mais.

Declinando sua oferta, envio Sam de volta ao campus e volto para a loja sozinha.

Uma leve brisa sinistra agita algumas folhas secas ao longo da rua quando passo a estátua de bronze de Roger Conant. Fundador de Salem ou não, a estátua o faz parecer um bruxo com seu chapéu de fivela e capa ondulante. Ele é arrepiante. Eu sempre acho que seus olhos me seguem quando ando por esta rua.

Os sinos tocam novamente quando abro a porta da loja de Sarah.

— De volta tão cedo? — Sarah pergunta sem levantar a cabeça.

Eu estendo a runa em explicação.

---

[6] Coven é um grupo de bruxas.

Ante meu silêncio, ela levanta os olhos para a minha mão. — Eu não te classificaria como uma ladra.

— Eu sinto muito. Eu não queria ficar com isso. — Eu olho para minhas sapatilhas de ballet.

— Talvez significasse algo para você? Mexeu com você? — Ela devolve a runa para sua taça.

— Quem me dera. Obrigada por seu otimismo, mas acho que sou uma causa perdida. — Eu dou de ombros em uma tentativa de passar minha depressão sobre minha inexistente vida amorosa como nada importante.

— Nunca se sabe. O amor sempre acontece quando você menos espera, e com o último cara que você imagina. — Seus olhos gelados derretem com sua expressão gentil. Ela anda ao redor do balcão e pega algo no final de um dos corredores. — Desde que você não é uma crente, isso não pode machucar. Considere isso como um presente.

Eu estudo o pacote que ela me entrega. A etiqueta diz *Feitiço do Amor* em um letra cursiva extravagante, em uma etiqueta cor-de-rosa. Dentro há uma vela, um frasco com líquido, um pequeno amuleto em forma de coração, fita e o que parece ser pimenta rosa. Eu me pergunto se o frasco contém as lágrimas de mulheres solteiras e sem par. Céus, que patético.

— Sério? — Eu pergunto, incrédula. — Pimenta?

Ela gentilmente levanta um ombro. — Não poderia ferir. Certo?—Ela pisca para mim.

— Ok. — Eu enfio o pacote na minha bolsa, já planejando jogá-lo fora mais tarde. — Obrigada.

— Deixe-me saber se funcionou, Madison Bradbury.

O uso do meu nome completo me parece estranho. Toda a última hora foi estranha. Eu aceno em resposta, mas não encontro os olhos dela. Um silêncio cai sobre a loja, amplificando o som das tábuas barulhentas enquanto eu ando até a porta.

— Uma garota Bradbury de cabelos castanhos entrando na minha loja. Depois de todo esse tempo, eu tinha perdido a esperança. — Sarah murmura quando eu cruzo o limiar. Pelo menos acho que ela diz isso. As palavras estão perdidas sob o som dos sinos.

Capítulo Três

— Você não pode usar seus poderes mágicos para algo útil? Ou divertido? Como margaritas geladas? — Eu dou uma encarada no nosso liquidificador quebrado.

Sam suspira. — Não, isso não é *magia possível*. — Ela faz uma careta enquanto vasculha sua mesa em busca de fósforos. Um feixe de sálvia está na minha cama, esperando o fogo.

— Você não pode incendiá-lo com sua mente?

— Infelizmente, não. — Ela empurra uma gaveta fechada e abre outra.

— Não vamos disparar o alarme de incêndio? — Eu cheiro a erva. — Ou ser presas por fumar maconha no nosso quarto? Talvez devêssemos abrir a janela.

— Boa ideia. — Ela empurra a parte de baixo da nossa janela.

— Ótimo. Agora a quadra inteira vai pensar que somos maconheiras.

— Pare de reclamar. Essa é a razão pela qual estamos fazendo isso, para remover a nuvem escura de negatividade ao seu redor. — Ela segura uma caixa de fósforos. — Pronta?

— Não. Não estou ansiosa para cheirar como um peru de Ação de Graças pelo resto da noite.

— Você pode tomar banho antes de irmos para a festa.

É sábado à noite e isso significa cerveja ruim em um copo vermelho.

— Outra festa? Não nos torturamos o suficiente neste semestre? — Eu chego mais para trás na minha cama amarrotada para descansar minhas costas contra a parede.

— Sim, outra. A escola mal começou. Você precisa recuperar-se desse seu medo de namoro. Encontrar um cara fofo. Dar uns amassos no canto. Deixar ele tocar seus peitos. Talvez pegar na bunda dele.

— Me lembra todo o segundo ano. No entanto, pegar a bunda de um estranho parece delicioso.— Eu franzo o meu nariz. — Podemos ir neste minuto?

— Chega de sarcasmo. Cale a boca e segure-se. — Sam acende a sálvia e, em seguida, sopra a chama para deixá-la arder.

Eu tusso e aceno minha mão na frente do meu rosto. — E agora?

— Levante-se.

Eu lanço-lhe um olhar, mas fico em pé enquanto ela acena a sálvia ao meu redor. A fumaça arde nos meus olhos, então os fecho.

— Tenha bons pensamentos. Ou talvez conjure seu cara perfeito. Isso vai ajudar.

Eu me lembro do pacote de feitiço de amor na minha bolsa. Sarah disse que o amor verdadeiro vem quando você menos espera, isso significa que eu não deveria me concentrar nisso para que aconteça? Ou devo conjurar meu cara perfeito? Toda essa coisa mágica é confusa.

Respirando fundo e tossindo de novo, tento listar todas as coisas que quero em um cara.

Inteligente.

Engraçado.

Cavalheiresco.

O quê? Mr. Darcy é gostoso.

Ótimo, agora estou pensando em Colin Firth e ele tem a idade do meu pai. Tão errado. Ok, Madison, foco.

Sam murmura algo baixinho e me gira para fazer minhas costas.

Onde eu estava? Certo...

Fofo, mas não narcisista. Um cara que não acha que é um presente de Deus para as mulheres, mas é lindo a sua maneira.

Eu sou superficial? Eu me importo?

Gentil.

Gentil com os animais também. Sempre um bom sinal.

Eu inalo e tusso novamente.

Boa forma, mas não um atleta ou super rato de academia. Talvez um jogador de lacrosse ou de futebol. Ou um remador. Temos uma equipe de remo aqui?

Mais um lobo solitário do que parte de um bando - também conhecido como fraternidade -, mas não um solitário sem amigos, porque é muito esquisito e antissocial para ter amigos.

Misterioso.

Ofegante, eu abro meus olhos. — Eu tenho uma queda por Andrew Wildes. — Eu percebo que o descrevi perfeitamente. Bem,

não a parte atlética. Talvez ele odeie gatos. Ou gatinhos. Ele tem que ter algumas falhas. Como uma namorada.

— Você tem?

Porcaria. Eu disse em voz alta.

— O cara estranho do seminário?

— Ele não é estranho, só não é super normal.

Sam revira os olhos e caminha até nossa pia para apagar a sálvia. — Você está purificada.

— Eu não sinto nada diferente. — Eu cheiro meu rabo de cavalo. — Eu cheiro diferente, no entanto.

— Pode demorar um pouco para...

Quatro batidas fortes e rápidas a interrompem.

Nossos olhos se encontram.

— Quem é? — Eu falo sem som para ela.

Ela levanta os ombros e a com a boca diz que ela não faz ideia. — Sim? — Ela pergunta, se aproximando da porta, mas não a abrindo.

— Você pode abrir a porta? — Uma voz masculina familiar pergunta.

Eu pulo na minha cama e pego meu travesseiro, abanando ao redor da sala, na esperança de limpar qualquer fumaça restante.

Sam abre a porta e Andrew Wildes está em nosso limiar em toda a sua glória sombria e taciturna. Estou na minha cama abanando um travesseiro floral rosa em volta da minha cabeça como uma

pessoa louca. Envergonhada, eu rapidamente pulo para o chão e jogo o travesseiro atrás de mim.

— Desculpe incomodá-las, mas estava passando e senti cheiro de fumaça. — Seu olhar encontra o meu. — Oi, Madison.

— Oi, Andrew. — Eu dou-lhe um aceno envergonhado.

Sam sorri para mim e depois coloca sua melhor expressão inocente para encará-lo. — Você sentiu? Que estranho. Talvez estivéssemos fazendo pipoca de micro-ondas e a queimamos.

— Talvez? — O foco de Andrew varre o nosso quarto e pousa no meu novamente. — Não há micro-ondas.

— Oh. Certo. Engraçado isso. — Ela ri.

Ele dá um passo para dentro da sala e cruza os braços. — Cheira como um frango assado aqui.

Eu rio, mas paro no meio do riso.

— Você é dos narcóticos?

Ela pergunta.

— Não, mas sou um assistente residente.

— Neste dormitório? — pergunto. Eu nunca o vi no prédio.

— Eu estou no Emerson.

— Então seus poderes não funcionam aqui? — Sam brinca.

Seu foco se move para o dela por um segundo antes de voltar para mim. — Meus poderes funcionam em todos os lugares. Ao contrário de micro-ondas ilegais, cigarros e outros tipos de fumo, não tenho certeza se existem regras que proíbam as manchas de sálvia. — Ele vai na pia e pega o pacote chamuscado de sálvia.

— Se você sabia que era sálvia, porque você perguntou? — Sam pergunta.

— Só checando para ter certeza que você sabia. — Ele gira o pacote entre os seus longos dedos antes de colocá-lo de volta no pequeno balcão. — Quem era a manchadora e quem era a manchada?

Aparentemente, meu cérebro perdeu a capacidade de formar palavras enquanto Andrew me encara, porque estou aqui muda.

— Eu manchei Madison. — Sam confessa, empurrando-me na frente dela.

Seus profundos olhos castanhos varrem sobre mim, fixando-se em um ponto na minha bochecha. Eu percebo que ele não está usando os óculos, e seus longos cílios tocam sua bochecha quando ele pisca. Eu nunca notei quão longos eles são. Ridiculamente longos. Ridiculamente injusto. Andrew é o tipo de cara que você não olharia duas vezes, até que você olhe, e perceba o quão bonito ele é, além dos óculos e do silêncio.

— Parece que você chegou um pouco perto. — Quando ele toca minha bochecha, eu sinto o calor da ponta do seu dedo acendendo um rastro de fogo sob a minha pele. Ele mantém o dedo na frente dos meus olhos, onde vejo uma mancha escura de carvão.

Eu roço minha pele, na esperança de remover quaisquer outras manchas. Embaraço aquece meu rosto. Minha paixão recém admitida está de pé no meu quarto enquanto eu brinco com tinta na

cara e cheiro como um jantar de Ação de Graças. Obviamente, a mancha não está funcionando a evidenciar meu encanto.

Sua mão levanta como se ele quisesse tocar minha bochecha novamente. Eu prendo minha respiração e me preparo para o impacto. Em vez disso, ele sutilmente sacode a cabeça e enfia a mão no bolso do seu capuz preto.

— Desculpe pela invasão. Muitos estudantes estão curiosos sobre feitiçaria. Allison, no primeiro andar, quase incendiou o edredom com uma vela encantada. — Ele zomba. — Provavelmente é melhor evitar chamas nos dormitórios.

Seus olhos nunca deixam os meus enquanto ele fala. Eu sinto que estou sendo estudada e categorizada, mas não tenho certeza se o veredicto é positivo ou mais ao longo nas linhas de *universitárias e feitiçarias estúpidas*. Ele é impossível de interpretar.

Enquanto Andrew e eu nos encaramos, Sam pigarreia. — O que você vai fazer hoje à noite, Andrew?

Sem romper a nossa bolha, ele diz: — Não tenho certeza. Eu estava indo para o andar de cima quando senti o cheiro da fumaça. Para ver um amigo.

Amiga ou amigo?

— Você conhece Tate? O AR[7] no terceiro andar? — Ele pergunta.

Sam e eu concordamos. Todo mundo conhece Tate Winthrop. Mesmo que ele não fosse da zilionésima geração

[7] AR: Assistente residente - ajuda o prédio da moradia estudantil.

Winthrop, todo mundo ainda o conheceria. Não há muitos caras brancos de um metro e oitenta e tantos, com dreadlocks até as costas no nosso pequeno campus universitário. Sam teve uma queda por Tate desde o começo do ano passado. Ele é a grande razão pela qual ainda vivemos em um quarto duplo como calouras. Não consigo imaginar Tate e Andrew sendo amigos. Andrew parece muito quieto e mais do que um pouco certinho.

Um vislumbre de um plano cintila nos olhos de Sam. — Você e Tate devem ir à festa em Elm Court hoje à noite. A menos que os ARs não possam ir a festas fora do campus.

— Podemos, se não houver álcool. Ou se todos lá tiverem mais de vinte e um anos, não é um problema.— Ele sorri para Sam. — Você já é maior? — Ele me pergunta.

— Ela é. Nós duas somos. — Sam está mentindo. Meu aniversário é só no final de novembro; o dela é em janeiro.

Seria fácil para ele nos atacar pedindo identidades, mas ele não faz.

— Ok, talvez eu te veja lá. Sem mais manchas, senhoras. — Ele não faz um movimento para sair. Em vez disso, ficamos estranhamente em silêncio. Pelo menos eu estou sem jeito. Sam parece feliz com sua nova conexão com Tate.

Dividida entre querer que ele saia do meu quarto e jogá-lo na minha cama, eu mais uma vez fico muda. Sou tão encantadora, é incrível que eu seja solteira.

— Ok, — eu consigo dizer, finalmente. Os papagaios têm contribuições mais interessantes nas conversas. — Eu vou estar em um canto com um copo vermelho.

— Traga Tate!— Sam grita quando a porta se fecha atrás dele.

Sim. Sem jeito.

Capítulo Quatro

Se Andrew se incomodasse em aparecer na festa hoje à noite, ele me encontraria em um canto com uma garrafa de cidra. Tão chocante, duvido que ele me reconhecesse sem o copo vermelho.

Sam encobre sua decepção sobre o não comparecimento de Tate conversando com todos os caras que não estão esmagando seus corpos ou lábios contra uma garota. Ou cara. Um desfile interminável de sapos marcha para o meu canto com o encorajamento dela. Não sapos reais. Ou rãs. Embora um deles tenha olhos esbugalhados e cheire como um lago, ele pode ser um verdadeiro sapo disfarçado. As palavras da minha avó sobre namorar com sabedoria vêm à mente.

— Você tem que beijar muitos sapos para encontrar o seu Príncipe Encantado.

Isto de uma mulher que conheceu e se casou com um menino aos dezessete anos. Quantos sapos ela poderia ter beijado no oeste de Massachusetts? Sua cidade nem sequer tinha um semáforo.

A maioria dos caras-sapos tem nomes que começam com E: Ethan, Eli e Ev, são seguidos por Eddie e Edgar, que não gosta de ser perguntado se foi nomeado em homenagem ao Poe[8].

Com a música alta, Poe soou muito como pum. Aparentemente.

---

[8] Edgar Poe : famoso escritor e poeta.

Nenhum Príncipe Encantado para me resgatar esta noite. Eu estaria melhor em nosso quarto, estudando.

Eu termino minha cidra e procuro por Sam. Eu a localizo na cozinha conversando com um cara baixo e magro, que conta com entusiasmo sobre sua fantasia de ninja para o Halloween.

— Estou trabalhando nas ventosas para as mãos e os pés.

— Ventosas? — Sam finge interesse.

— Para escalar edifícios. — Ele não diz "dã," mas está implícito.

— Oh, certo. Olha, é Madison! — Ela me abraça e sussurra: — Me ajude.

No momento em que nos separamos, Ninja Boy passou a compartilhar seus planos ninjas com a garota à sua esquerda.

— Vamos, — eu imploro.

— Eles ainda podem aparecer.

— É quase uma hora. Eles não virão. E nenhum deles é o Príncipe Encantado.

— Você estava esperando por ele hoje à noite? Halloween é daqui a algumas semanas. É muito cedo para homens de meia-calça.

Eu ri. — Não muito. Mais algumas semanas e esta cidade estará coberta deles.

Ela geme. — Eu gostaria que você estivesse brincando.

Nova Orleans tem o Mardi Gras; Salem tem Halloween, uma festa de um mês no centro da cidade com todas as versões sensuais de um traje normal possíveis. No ano passado, vimos nove

mulheres vestidas como a versão sexy da Suprema Corte, incluindo Ruth Bader Ginsberg[9] em calças quentes.[10]

— Eu também, — eu concordo.

— Precisamos começar a planejar nossas fantasias. — Ela me puxa para fora da cozinha e desce pelo corredor estreito onde uma exibição parcial de sapos está alinhado com suas cervejas, esperando pelo banheiro. Pelo menos eles parecem ser domesticados.

Sam continua planejando sua fantasia enquanto caminhamos para casa. A noite ficou fria e gostaria de estar com um casaco em vez de um suéter.

— Você não deveria estar escolhendo vestes para um encontro do coven na floresta ou algo assim? Eu não acho que as wiccas aprovem trajes de gata sexy.

— Eu sou multi-denominacional [11] quando se trata de Halloween.

— Sem doces em encontros de coven?

Ela ri. — Um fiasco. E zero caras fofos.

— Nenhum cara bruxo?

— Há alguns, mas a maioria deles é velho e cheira à patchouli.

Nós duas colocamos nossas línguas para fora.

---

[9] Ruth Bader Ginsburg é uma Juíza Associada da Suprema Corte dos Estados Unidos. Ginsburg foi indicada para o cargo pelo Presidente Bill Clinton e foi empossada em 10 de agosto de 1993.

[10] Hotpants, hot pants ou bermudas descrevem shorts extremamente curtos, que podem ser usados por mulheres e, em menor medida, por homens.

[11] Multi-denominacional é ser cristão sem estar vinculado à uma religião.

— Talvez em vez do Príncipe Encantado, nós encontremos um monstro bonito, um Fantasma da Ópera irado ou uma fera muito quente. — Ela suspira.

— Stalkers e sequestradores? Tem certeza de que não assistiu a filmes de princesa? — Pergunto.

— Você não tem senso de romance, Maddy. Zero. Você é jovem demais para ser tão cínica. E bonita demais.

Eu bufo.

— Pare de fazer isso.

— O quê?

— Dispensar todo elogio que você recebe. Você é linda. Como uma Audrey Hepburn totalmente quente.

— Significa lisa como uma tábua e bicuda?

— Não, petite e gamine[12]. Com o jeito que ele não conseguia tirar os olhos de você antes, acho que Andrew aprovou.

É a minha vez de suspirar. — Eu duvido. Ele nem apareceu na festa.

— Ele e Tate provavelmente tinham outros planos. Como jogar Dungeons & Dragons. Ou Magic. Ela ri. — Você pode imaginar?

Eu posso. O pensamento de caras lindos estando em jogos de RPG é ao mesmo tempo ridículo e meio quente, dependendo do papel interpretado.

— Você não acha que eles têm namoradas, não é? Ou namorados? Eu nunca vi Tate com ninguém, mas isso realmente não

[12] Gamine seria de aparência moleca.

significa nada. — Sua incerteza eleva sua voz para um gemido feminino desconhecido.

— Seria péssimo se eles tiverem.

— Tate é muito sonhador. Ele é como um filósofo moderno. Você sabia que ele anda de skate?

— Nada diz filósofo terrivelmente esperto como uma longa prancha a moda antiga. — Eu a cutuco com o cotovelo. — Você está caidinha.

Ela suspira novamente e concorda. — Eu não sei o motivo, mas é tão ruim que é bom. Podemos precisar invadir a festa de Halloween dele neste ano e encantá-lo.

— Nós?

— Confie em mim, este é o nosso ano. Eu posso sentir isso em meus ossos. — Ela bate na cabeça.

Eu olho para o céu sem nuvens acima de nós e encontro uma estrela para fazer um desejo.

Por favor, que Andrew seja hétero e solteiro.

E não goste de Dungeons & Dragons.

Obrigada.

Capítulo Cinco

Andrew senta em frente a mim no seminário esta semana. Hamilton ocupa seu antigo lugar na extremidade da mesa, fora de alcance para insultos sussurrados ou murmurados. Infelizmente, isso não o impede de fazer comentários para todo o grupo ouvir. Andrew não contribui para a discussão dos julgamentos de bruxas, e depois da explosão da semana passada, eu mantenho meus comentários no mínimo.

Minha única interação com Andrew durante a aula é quando ele me empresta uma caneta depois que não consigo encontrar uma na minha bolsa. É uma caneta velha, talvez até antiga, pesada e muito mais chique do que as minhas esferográficas usuais. Estou tentada a escrever meu nome repetidamente no meu caderno. Talvez até o nome dele com um grande W.

Mais uma vez, mal presto atenção à discussão. Eu ainda estou distraída quando a aula termina, e me vejo parada ao lado de Hamilton.

— Esta aula é um saco, — diz ele.

Sem pensar antes de falar, eu pergunto: — Porque você sequer está nessa aula?

O olhar de Hamilton se fixa em meus peitos, que felizmente estão protegidos por baixo de pelo menos três camadas de roupas. — Dã. Facilmente um A, como aquela garota Hester. Cara, é sobre a Nova Inglaterra, eu sou daqui. E é em inglês. Moleza.

Meu queixo deve bater no chão com o quão rápido e baixo ele cai. Os olhos de Hamilton se enchem de luxúria enquanto ele encara minha boca aberta.

Inacreditável. Eu fecho minha boca e cruzo meus braços. — Idiota, — murmuro baixinho e passo ao redor dele. Infelizmente, eu deveria ter prendido a respiração. Uma parede de spray corporal Axe me agride quando passo por ele. *Que piada!*

— Você pode acreditar nesse idiota? — Uma voz profunda e ressoante pergunta uma vez que alcanço o ar fresco do corredor.

Eu bufo e tento encobri-lo com uma risada, mas isso evolui para mais uma tosse-bufada. Eu tusso novamente para encobrir a tosse-da-risada-bufada.

Andrew ri e segura a porta aberta para mim.

Uau. Nenhum cara fez isso por mim antes.

Ele combina seu passo com o meu quando saímos e cruzamos o pátio. Eu olho para o seu All Star e para as pernas compridas em jeans desgastados e rasgados enquanto caminhamos juntos, tentando pensar em algo para dizer.

— Como foi a festa no sábado? — Ele pergunta.

— Ok. — Minha tentativa de indiferença vai longe demais, fazendo-me soar chata.

— Desculpe, não termos ido. Tate está planejando sua festa de Halloween e me amarrou para ajudá-lo.

As festas de Halloween do Tate são lendárias. Sua família é dona de uma casa de veraneio perto de Marblehead, uma gigantesca

mansão gótica de pedra com um amplo gramado que leva até uma praia particular.

Foi o que eu ouvi. Eu nunca fui convidada para suas festas antes, nem Sam foi, mas ela sabe todos os detalhes.

— Não gosta do Halloween? — Pergunto, esperando parecer interessada, mas não desesperada.

Ele balança a cabeça. — Sim. Eu fico um pouco cansado de todo o caos no centro todos os anos. Os mesmos chapéus de bruxa e vômito nas ruas ficam um pouco cansativos depois de algumas décadas.

— Você é daqui?

— Sim. Bem, tipo isso. Eu cresci aqui, mas meu pai insistiu que eu frequentasse a escola particular em Boston, então passei a maior parte do ano com meu pai na cidade. Acho que ele realmente só queria que eu saísse de Salem.

Minhas sobrancelhas levantam em uma pergunta silenciosa.

— História longa e chata. Um tipo de história muito chata de pais brigando. — Sua voz muda e ele não encontra meus olhos.

Há mais por trás de sua história, mas chegamos ao centro do campus onde estou me encontrando com Sam. Eu cavo no interior da minha bolsa e ofereço-lhe sua caneta.

— Fique com ela, — diz ele com um pequeno sorriso. — Considere isso um presente.

Eu igualo seu sorriso e agradeço a ele.

Talvez não seja estranho, mas Andrew não é um típico universitário. Eu o observo ir embora. Sua longa passada e seu guarda-roupa escuro destacam-se entre todos os outros estudantes que circulam pelo pátio.

***

O sábado parece mais com o verão do que com o primeiro dia do outono. Um sol nebuloso e um ar úmido me saúdam na corrida matinal pelo campus. Para o registro, correr é o código das meninas para caminhar e tomar café com Sam. Eu bebo o meu extra-baunilha-latte-desnatado extragrande e ouço-a compartilhar os detalhes do encontro de ontem à noite com um cara de sua aula de estatísticas.

— Tudo era sobre probabilidades e porcentagens de relacionamentos dando certo. Ele se ofereceu para me mostrar uma planilha.

— Soa como um bom partido. Sem segundo encontro?

— Talvez. Ele era um beijador bastante decente.

— Você o beijou?

Ela olha para mim. — Claro. Estatisticamente, as probabilidades estavam a seu favor, ele seria um bom beijador.

— A matemática é estranha. — Eu rio e aumento meu ritmo.

— Boa Deusa! Qual o problema com a corrida atual? — Ela me alcança. — Nós realmente não corremos, lembra?

— Eu pensei que talvez pudéssemos nos beneficiar de algum esforço físico.

— Você precisa conseguir alguma ação. E logo.

— Comigo correndo 5 Km é mais provável que aconteça antes disso.

— O que está acontecendo com Wildes? Minha intuição me diz que ele gosta de você.

Eu já contei a ela sobre o nosso bate-papo depois da aula e, claro, ela testemunhou o incidente da mancha. — Ele teve muitas chances de me convidar para sair, mas ainda não fez.

— Ele parece tímido. Talvez ele esteja esperando que você dê o primeiro passo?

— Em que conto de fadas a princesa dá o primeiro passo?

Ela olha para mim sem expressão.

— Certo, você não saberia. — Eu suspiro.

— Você está apenas em uma má fase. Você deveria vir para a celebração do Mabon hoje à noite.

— Há muitos candidatos a namoro entre os velhos e os que cheiram a patchouli?

— Provavelmente não, mas alguma gratidão e torta de maçã podem ajudar seu humor.

— Não, mas obrigada. Eu vou ficar em casa e estudar.

***

Sam me pede para ir com ela novamente depois do jantar, mas mantenho meus planos de estudar e talvez assistir algumas horas de *Doctor Who* com Grace no fim do corredor. Quando procuro na minha bolsa por um marcador, minha mão toca um pequeno saco plástico. Eu tinha esquecido tudo sobre o feitiço de amor.

Eu o tiro da bolsa e caminho até a lata de lixo, planejando jogá-lo, mas minha mão congela.

Eu não tenho nada a perder.

Andrew foi parar na zona de amigos. Tem que haver um cara lá fora em algum lugar entre o Mestre-das-apalpadelas Hamilton e o Legal-Mas-Esquivo-Wildes.

Eu abro o pacote e despejo o conteúdo na minha mesa para examiná-los. Lendo as instruções, decido que parece bastante simples. Eu não tenho mais outras opções, então porque não? Se eu tivesse que criar um amante mágico com pimenta e cera, ele ainda seria melhor que um menino sapo.

Eu deveria me limpar para estar na mentalidade certa. Manchada conta como purificação, então pulo essa etapa mesmo que eu não tenha tomado banho hoje, ou me trocado das minhas roupas de corrida. Não é como se eu tivesse ficado um pouco suada esta manhã ou algo assim.

Não estou certa do por que da pimenta rosa, mas decidi sair da minha caixa de ceticismo. Depois de fazer um círculo com eles na mesa, coloquei o óleo da poção de amor na vela votiva vermelha enquanto pensava no que queria de um homem. Eu repasso os destaques da minha lista da mancha:

Inteligente.

Engraçado.

Cavalheiresco.

Fofo, mas não narcisista.

Gentil.

Em forma.

Lembrar-me da história de Andrew sobre Allison me faz rir, mas coloco um pires sob a vela apenas por garantia. Após o incidente da mancha, não quero que ele me descubra no meio de um incêndio de dormitório induzido por feitiço de amor.

Continuo lendo. Eu deveria ter algo pessoal se o feitiço for destinado a funcionar em uma pessoa específica. Ao lado da vela está a caneta que pedi emprestada a Andrew no início da semana. Eu poderia usar isso. *É pessoal o suficiente? Andrew é meu alvo pretendido?* Eu me imagino com um arco e flecha apontando-o diretamente para o peito dele. *Nada a perder.* Coloco a caneta dentro do círculo e acendo a vela. Repito minha lista, adicionando cabelo escuro e pele pálida.

Tudo o que ficou sem uso do kit é um pedaço de fita vermelha e um pingente de coração, que devem ser usados em público, de preferência em meio a um grande grupo de pessoas. De acordo com as instruções, quando eu deixar cair o amuleto, meu amor aparecerá.

Por magia!

Pelo menos o coração de filigrana prateado é bonito. Eu amarro na fita e coloco na minha tigela com outras joias.

Eu não sinto nada diferente. Nenhuma rajada de vento atravessa a janela. Nada formiga ou flutua no final. O óleo e a vela fazem a sala cheirar bem, mas é só isso. Suspirando, mando mensagem para Grace descer quando ela estiver pronta.

Eu amasso e jogo fora as instruções do feitiço. Não sei o que fazer com os grãos de pimenta e espero que ela não os note se eu desligar a lâmpada da mesa.

Três episódios de David Tenant como o décimo Doctor e uma tigela gigante de pipoca mais tarde, a vela cintila com uma chama azul e algumas faíscas. Grace e eu pulamos. A sala fica na escuridão, exceto pelo brilho do meu laptop.

— Que diabos!— Ela olha para a mesa e depois para mim. — Que tipo de vela era essa?

— Alguma vela aleatória que Sam tinha deixado por aí. — Eu respondo indiferente, esperando que ela não note a pimenta e a caneta.

— Bem, eu acho que é um sinal para encerrar a noite. — Com um bocejo e um alongamento, ela salta da minha cama.

Quando ela abre a porta para sair, vozes altas são trazidas para dentro, da entrada. Uma dessas vozes é de Sam. As outras duas vozes são masculinas.

Não.

Não.

Não.

Uma das vozes pertence ao dono da caneta atualmente em cima da minha mesa.

Merda!

Há tempo para fechar a porta e fingir que não estou aqui.

Eu pulo da cama e escondo a vela, caneta e pires na minha gaveta, espalhando cera quente e pimenta por todos os lugares. Eu estou em minhas mãos e joelhos pegando-os quando ouço a voz de Sam.

— Maddy? Você está aí dentro? Acabei de ver Grace sair. Olá? Por que o quarto está escuro? — Ela aperta o interruptor para a horrenda luz fluorescente, que zumbe e pisca acesa.

Enquanto me pergunto se eu poderia rastejar completamente debaixo da minha mesa e me esconder, me ocorre que minha bunda provavelmente ficou levantada de frente para a porta.

Ótimo.

— Ei, aí está você. — Sam e outros dois pares de passos entram no quarto.

Melhor ainda.

Tate e Andrew estão com ela.

Grande demais para caber debaixo da mesa, eu me arrasto para trás e me ajoelho, tirando o cabelo do rosto com a mão que não segura pimenta. — Ei.

— Você está bem? — Andrew parece confuso e divertido.

— Tudo bem. Deixei cair uma coisa e estava tentando encontrá-la.

— No escuro? — Sam pergunta.

— Ah, sim.

— Você achou? — Andrew levanta uma sobrancelha e seus lábios se contraem com um sorriso reprimido.

— Não, vou olhar mais tarde. — Eu tento endireitar minha camiseta sobre minhas calças de corrida. Eu sou uma bagunça completa.

— O que tem na mão? — Tate pergunta.

— Nada. — Eu enfio nas minhas costas como uma criancinha.

— Vamos, compartilhe. — Andrew brinca.

São apenas grãos de pimenta, não feijões mágicos. — Pimenta.

— Temperos aleatórios?— Andrew cede ao sorriso e inclina a cabeça. — Roubado do refeitório? — Estou distraída por quão alto e bonito ele é parado no meu quarto. Novamente. Ele deveria sorrir mais vezes. De preferência enquanto está no meu quarto. Ou deitado na minha cama.

— Sam rouba colheres, — eu deixo escapar para mudar de assunto e me distrair dos pensamentos de Andrew na minha cama. Eu coro e despejo o conteúdo da minha mão no lixo. — O que vocês três estão fazendo? — Eu ignoro a carranca de Sam.

A atenção de Andrew permanece na lata de lixo por alguns segundos antes que responda: — Nós nos deparamos com Sam na frente. Ela tem nos contado tudo sobre o Mabon.

— É fascinante. — Tate acrescenta, mantendo os olhos em Sam.

Ela olha de volta para ele, um leve rosa colorindo suas bochechas. — Você deveria ter vindo, Maddy. Foi incrível, na floresta e iluminado apenas por velas. Trouxe-lhe uma maçã totalmente incrível.

— Obrigada, — eu digo.

— Tate estava apenas nos convidando para sua festa de Halloween no próximo final de semana. Isso não soa legal?— Ela tenta, e quase consegue soar indiferente.

— Você virá, não é? — A sinceridade de Andrew é clara em sua voz. Nem mesmo Linus[13] esperando no canteiro de abóboras poderia soar mais sincero. Parece que ele está me convidando para sair, até que ele diz: — Você deveria mesmo. É uma ótima festa.

Tate me encara, reiterando o convite enquanto Sam está atrás dele, implorando com gestos.

— Claro, é claro que adoraríamos, — respondo. — Existe um tema?

— Não, — responde Tate. — Venha com seu sonho mais selvagem, seu medo mais sombrio ou você mesma, em uma fantasia. Sem regras, sem expectativas. Apenas esteja lá antes da meia noite.

— Vocês vão voltar a ser abóboras quando o relógio bater meia noite? — Estou apenas brincando.

Andrew me encara com uma expressão séria. — Sim. — Ele mantém seu rosto parado por um momento antes que seu sorriso raro ilumine seus olhos e ele ria.

Eu poderia gostar de sua risada ainda mais do que de seu sorriso. Eu retorno seu sorriso. — OK. Estaremos lá.

— Ótimo, — Tate e Andrew dizem ao mesmo tempo.

---

[13] Linus é um personagem do desenho do Charlie Brown.

Assim que a porta se fecha atrás deles, Sam faz uma pequena dança feliz. — Santa torta gostosa! Nós estamos indo para a melhor festa de Halloween de todos os tempos, e recebemos um convite pessoal de Tate!

Ela pega minhas mãos e pula na minha cama. Eu me junto a ela e nós gritamos. Depois de alguns minutos saltando, nós desmoronamos em cima do meu edredom. Nossos peitos arfando e sem fôlego, nós rimos e chutamos nossas pernas como pré-adolescentes em relação a sua primeira paixão pelo garoto da banda.

— Eu quero saber sobre os grãos de pimenta? — Ela vira o rosto para mim.

— Não.

— Você não estava fazendo feitiço, você estava?

— Claro que não. Não seja boba.

— Porque lançar feitiços no Mabon é algo poderoso. Eu não quero que você entenda errado e acabe invocando uma legião de sapos.

Eu engulo em seco. — Isso é possível?

— Tudo é possível. Como nós indo para a festa de Tate Winthrop! — Ela bate os pés no ar algumas vezes para enfatizar sua excitação. — Temos que encontrar uma fantasia para você amanhã!

— O que diabos eu vou vestir para esta festa?

— Você precisa de algo sexy para vestir.

— Sexy? Mesmo?

— Eu sei, nós vamos fazer uma exceção, mas algo com muita perna.

— Aranha?

— Sem mais pernas, apenas as suas duas. E nada arrepiante. Embora, Andrew pareça o tipo de gostar do lado sombrio. Zumbi sexy?

Eu ri. — Enfermeira zumbi sexy? Os animais se tornam zumbis? Eu poderia ser uma gata preta zumbi sexy. — Eu tenho que parar de falar porque estou rindo da minha própria piada com tanta força que não consigo respirar. — Ou coelha. Uma coelha morta, mas sexy.

— Tudo bem, tudo bem. Nada muito sexy ou morta. Vamos pensar em algo perfeito.

Capítulo Seis

Nesta semana, Andrew se senta ao meu lado no seminário. Seu braço às vezes toca o meu quando ele faz anotações. Eu tento focar no que o Dr. Philips está dizendo sobre o autor de 'três nomes' da semana: Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Henry Wadsworth Longfellow e Louisa May Alcott. Por que tantos autores do século XIX têm três nomes?

— Quer tomar um café? — Andrew pergunta enquanto saímos da aula sobre Alcott de hoje. Com as mãos nos bolsos, ele parece inseguro, ao contrário do típico, frio e distante Andrew.

— Eu deveria encontrar Sam. — Eu me arrependo de rejeitá-lo imediatamente. Isto é o que desejei para a outra noite. Alto, moreno e reflexivo, meu próprio Heathcliff está me convidando para um café.

— Oh. — Ele franze a testa e brinca com as alças de sua mochila.

— Você poderia se juntar a nós.

Por favor, deixe-o se juntar a nós, eu imploro silenciosamente. Andrew quer tomar café. Comigo. Eu poderia abandonar Sam e explicar mais tarde. *Porque não pensei antes de abrir a boca?* Ela vai entender. Ela faria o mesmo e sem pensar duas vezes se Tate a convidasse para sair.

Não que Andrew esteja me convidando para sair. Isto não é um encontro. É café. Eu quero ir e estou disposta a abandonar minha melhor amiga por um cara. Eu posso estar me transformando em

uma *dessas garotas*, mas Andrew Wildes quer tomar um café comigo. Fecho meus olhos e desejo que Sam entenda antes de pegar meu telefone para mandar uma mensagem para ela. Minha tela mostra um novo alerta de texto de Sam:

Tive uma ideia de fantasia. Indo para Boston. Desculpe por faltar ao café. Te vejo depois. :)

— Ou não. — Alegria ecoa na minha voz. Eu deveria parecer chateada que ela me abandonou para uma viagem a Boston, mas não posso fingir que estou triste com a mudança de planos.

Andrew para de andar, esperando que eu termine. Confusão nubla seus olhos enquanto pisca por trás de sua armação grossa. — Não, você não quer que eu me junte a você?

— Não, não se junte a nós. Não. — Sua careta volta e percebo que estou confundindo completamente isso. — Ela acabou de cancelar. — Eu sorrio, acenando meu telefone na minha frente.

Seus lábios se levantam em um sorriso torto. — Bem, nesse caso, vamos? — Ele gesticula em direção à borda do campus.

— Nenhum café do campus? — Eu ando na direção do portão.

Ele facilmente combina com meu passo. Com um aceno de cabeça, ele encontra meus olhos. — Eu conheço um lugar melhor.

Ele me conduz pelos portões de ferro forjado e pelos muros de pedra cobertos de hera que marcam o limite do nosso pequeno campus. Depois de algumas voltas e curvas pelas ruas estreitas decoradas para o Halloween, ficamos na frente de uma pequena casa coberta de ripas pintadas de preto, com painéis de vidro com

padrões de diamantes que cruzam suas pequenas janelas. Eu nunca vi isso antes. Eu não tenho certeza se já andei por essa rua. Ou se poderia encontrar o caminho de volta ao campus. Salem não é uma cidade grande, mas suas velhas ruas e becos ainda me confundem. Eu olho para a casa escura na nossa frente. Parece... hostil? Agourenta? Arrepiante? Mesmo os poucos talos de milho seco e duas pilhas de abóboras brancas fazem o lugar parecer tudo, menos festivo. É definitivamente um pouco assustador e provavelmente muito assombrado.

— Aqui? — Minha voz grita.

— Exato. Eles fazem o melhor chocolate quente. — Ele abre a pequena porta e entra.

A porta é tão pequena.

Eu o sigo para o espaço escuro, sinos tilintando quando a porta se fecha atrás de mim.

O que há com todos os sinos desta cidade?

— As pessoas acham que afastam os maus espíritos e trazem boa energia para a casa ou o negócio, — responde Andrew.

— Eu perguntei isso em voz alta? — Minhas bochechas esquentam.

Antes que ele possa responder, uma mulher redonda com um halo de cabelo grisalho encaracolado cumprimenta-o com um sorriso seguido por um abraço envolvente.

— Andrew!

Depois de se extrair de suas curvas voluptuosas, ele nos apresenta. — Martha, esta é minha amiga, Madison.

Sorrindo para ele, ela estende a mão. — Prazer em conhecer uma *amiga* de Andrew. Finalmente.

Eu juro que as bochechas dele coram, mas é muito escuro para ver claramente com a única luz no espaço vindo das pequenas janelas e luminárias de mesa com sombras pretas. Meus olhos se ajustam lentamente e eu posso ver que as paredes são na verdade só prateleiras com livros de capas escuras. No canto mais próximo, um empregado trabalha numa máquina de café expresso. Até as xícaras são pretas.

Estou preocupada que se eu derrubar algo ou quebrar um copo, nunca mais será encontrado. — Que lugar é este?

Ele pressiona a mão contra o meu ombro para me guiar em direção a uma mesa. — Teve muitos nomes ao longo dos anos, mas todo mundo que conheço chama de Livro Negro, embora eu não saiba o motivo.

Eu rio enquanto nos sentamos. — Porque é forrada com prateleiras contendo livros com capas pretas?

Suas sobrancelhas fazem aquela coisa sulcada onde eles desaparecem nos aros de seus óculos. — Hah, eu nunca pensei que essa fosse a razão. Eu sempre imaginei que fosse porque era o local perfeito para um encontro secreto.

É isso que é isso? Está escuro o suficiente aqui para fazer sexo e ninguém saberia. Nós poderíamos fazer no canto e ninguém iria nos

ver. E felizmente, é escuro o suficiente para que Andrew não possa me ver corando com os pensamentos de nos beijar. Talvez até mesmo chegar à segunda base em uma mesa de canto.

Felizmente, meus pensamentos e rubores são interrompidos pelo retorno de Martha com duas xícaras fumegantes e um prato de brownies. Pelo menos pareciam brownies. É difícil diferenciá-los no prato preto.

— Morte por chocolate. O favorito de Andrew, — ela anuncia, apertando seu ombro.

Depois que ela se afasta, eu digo: — Ela parece gostar de você.

— Eu a conheço toda a minha vida. Ela e minha mãe são velhas amigas.

— Sua mãe ainda mora aqui?

— Ela mora.

Estou bisbilhotando, posso dizer pela tensão em seus ombros, mas não consigo me conter. Ele está falando e eu quero mantê-lo falando. Quero saber o que o motiva, o que o torna tão solitário. Eu quero saber tudo por trás da máscara que ele parece usar.

— Porque você não mora em casa?

Ele ri, mas não sorri. — Que cara de vinte e um anos quer morar em casa com a mãe?

Eu dou risada. — Certo. Isso seria estranho.

— O dormitório é provavelmente pior. Calouros são inacreditáveis.

— Eu me lembro de ser uma idiota no primeiro ano. — Eu suspiro. Mais que uma idiota. Eu me juntei a caras como Hamilton. Eu tinha um péssimo gosto para homens naquela época. Daí minha política de sem idiotas, que levou à minha atual condição sem encontros e lançando feitiços de amor.

— Eu provavelmente não deveria dizer isso, mas o incidente da joelhada no lounge com Hamilton é bastante lendário no Residence Life.

— Nãão. — Eu tento me esconder embaixo da mesa, mas depois me dou conta de que não sou suficientemente flexível. Em vez disso, me deixo invisível cobrindo meus olhos com minhas mãos.

Ele ri.

Eu o espio por entre os meus dedos. — Por favor, diga que você está brincando.

Ele não responde, mas seus olhos dançam com diversão.

— Todo mundo sabe?

Sua mão afasta meus dedos. — Tenho certeza que alguns dos calouros não sabem. Você é uma lenda. Reconheça.

— Isso explica minha falta de vida amorosa. Eu sou a garota que dá joelhada nas bolas dos caras. Não admira que ninguém tenha me convidado pra sair em anos. Estou amaldiçoada. — Eu desisto da luta e coloco minha cabeça na mesa onde estou no nível dos olhos com os brownies. Se apenas a morte por chocolate fosse real e pudesse me salvar dessa conversa. — Pelo menos eu posso morrer por chocolate em vez de humilhação. Prazer em conhecê-lo.— Eu

quebro um pedaço grande de brownie e como-o sem levantar a cabeça.

Andrew ainda não diz nada.

Eu contemplo quanto chocolate teria que consumir para realmente morrer e coloco outro pedaço na minha boca.

Ele inclina a cabeça para o lado para me estudar. Depois de alguns segundos, ele diz: — Você não está amaldiçoada.

Sinto um formigamento familiar de seu olhar. — Eu gostaria de poder acreditar em você, mas estou começando a pensar que alguém jogou uma praga em mim. — Eu suspiro.

Ele ri novamente. — É mesmo?

— É pior do que você sabe.

— Eu poderia dizer, confie em mim. Sem praga, sem maldição. — Sua mão toca meu braço, enviando um arrepio sobre a minha pele, levantando arrepios em seu rastro. É exatamente o oposto de desagradável. Ele deveria fazer isso de novo. Talvez nunca parar. Estou tentada a me esfregar na mão dele como uma gata.

— Sam acha que eu sou uma bruxa, — deixo escapar.

Ele engasga com o chocolate quente.

— Eu sei, certo? Algo sobre ancestrais da família e genes matrilineares ou algo assim. Eu acho que ela está confundindo magia e judaísmo. — Eu levanto minha cabeça para fora da mesa e tomo minha bebida, que tem gosto exatamente de chocolate derretido. É incrível. Eu olho para a sua boca enquanto ele bebe da xícara dele. E

me pergunto se o beijo de Andrew teria gosto de chocolate depois disso.

— Isso explica a mancha no fim de semana passado.

Mancha? Oh, certo. — Sam está na Wicca este ano.

— E você? Você acredita em magia?

— Na verdade não. — Eu encontro seus belos olhos castanhos, que me lembram chocolate ao leite derretido. Tá aí um chocolate pelo qual eu gostaria de morrer. Morte por Andrew. Uma sensação familiar vibra baixo em minha barriga e eu cruzo minhas pernas. Faz muito tempo desde que qualquer coisa vibrou.

— Apenas maldições e pragas, mas não as coisas boas? — Seus dedos brincam com sua xícara, de repente interessado em estudar a fibra da madeira na mesa.

— Ser capaz de jogar pragas em alguém soa muito bem para mim. — Lembro-me de desejar que Hamilton caísse e da minha alegria quando ele o fez — Ou você quer dizer poções mágicas e vassouras voadoras? Você acredita nesses?

Ele encolheu os ombros. — Crescendo em Salem, você começa a acreditar em todos os tipos de coisas, tanto a luz quanto a escuridão.

As palavras de Sarah e Sam sobre Mabon ecoam na minha cabeça... o equilíbrio entre a luz e a escuridão. Pragas e feitiços de amor.

— Acho que a aula do Philips está me afetando, — eu digo. — Tudo até agora neste semestre se transformou na mesma conversa.

— Então vamos falar sobre outra coisa. Você sabe mais sobre mim do que eu sei sobre você. Diga-me algo que eu não sei. — Ele sorriu e, quando se recosta nas sombras, a luz baixa da mesa enfatizava sua mandíbula esculpida e maçãs do rosto altas.

— Eu estudo Licenciatura em Inglês, mas você provavelmente já sabe isso desde que tivemos aula juntos. Especialização em negócios.

— Negócios, né?

— Não há muitos empregos lá fora para na área de inglês. Foi ideia do meu pai no início, mas amo minhas aulas de marketing.

— Homem inteligente.

— E sua área?

— Bioquímica.

Não estou surpresa. Ele parece da área de química. Visto os óculos e inteligência. — Como uma aula de inglês de nível superior se encaixa nisso?

— Eu gosto de ler. — Ele me dá um pequeno sorriso. — Eu sei, é estranho.

Eu correspondo sua expressão. — Eu gosto de garotos que leem.

Seu sorriso vacila e é rapidamente substituído por um sorriso mais largo. — Bom saber.

Conversamos sobre aulas, especializações e vida nos dormitórios, enquanto a luz fraca das janelas fica mais escura. Andrew não é tão estranho quanto imaginei, mais sério do

que estranho. Tipo uma alma velha. E fofo. Muito bonitinho. Mesmo em um café- livraria escuro.

Ok, este lugar ainda é um pouco estranho.

Andrew me leva de volta ao meu dormitório, explicando que não está fora do seu caminho porque vai se encontrar com Tate. Quando ele faz uma pausa antes dos largos degraus da entrada, acabo ficando dois degraus acima dele, nos deixando na mesma altura. Eu posso ver as camadas de marrom em seus olhos e uma fina linha prateada perto de sua pupila. Ele tem uma fina camada de barba escura ao longo de sua mandíbula pálida, que só acentua o vermelho profundo de seus lábios. As mulheres matariam pela cor dos seus lábios.

— Ei. — Ele pega minha mão, enviando calor pelo meu braço.

Eu olho para baixo, para onde seus dedos tocam os meus e depois para o rosto dele.

Minha respiração cessa com a emoção em seus olhos; é luxúria, pura e nova.

— Eu me diverti esta tarde. — Seu olhar se move para os meus lábios.

— Eu também. — Eu me inclino um pouco para frente e inalo, esperando.

Antecipação aquece minha pele. Meus lábios abrem esperançosos. Sem dúvida, este é um daqueles momentos antes de um beijo. O ar entre nós crepita enquanto nossos corpos se juntam

como ímãs. Permitindo que meus olhos se fechem, eu lentamente inalo e espero.

Seus dedos se flexionam contra os meus por um segundo antes de soltar, mas não o sinto se afastar.

Eu lentamente abro os olhos para encontrar os dele.

Ele tem um cílio na bochecha. Eu levanto a mão para tocá-lo, transferindo-o para o meu dedo. — Faça um pedido, — eu sussurro, segurando a ponta do meu dedo para ele ver.

— Fique com ele.

— Você tem certeza?

Seus olhos voltam aos meus lábios. Quando ele balança a cabeça, o cabelo cai sobre os olhos. — Não.

Eu franzo a testa e assopro o cílio, mas não faço um pedido.

O tempo faz uma pausa enquanto espero que ele faça alguma coisa.

Eu espero que ele vá embora. Espero que ele não vá. Depois de um momento de silêncio com apenas o som de uma leve brisa agitando as folhas mortas, eu me viro para me afastar.

No entanto, ele levanta a mão até minha bochecha para me impedir.

— Madison... — ele sussurra, aproximando-se dos meus lábios. Seus olhos permanecem fixos com os meus até que eles começaram a ficar embaçados.

Mais uma vez, fecho meus olhos. Desta vez sinto sua respiração roçar levemente em meus lábios. É uma fração de segundo que

contém um infinito antes de sua boca finalmente estabelecer contato com a minha.

Eu pressiono contra ele. Meus lábios, meu peito, meus quadris são ímãs procurando conexão. Eu suspiro com a sensação da mão dele envolvendo meu pescoço, inclinando minha cabeça para trás. Ele aceita meus lábios abertos como convite para explorar, reivindicando minha boca com a língua. Minhas próprias mãos seguram seus ombros antes de abrir caminho até o cabelo na nuca junto ao pescoço. É macio, tão macio. Eu quero enterrar meu nariz nisso.

Rapidamente ele para, interrompendo o beijo, deixando a mão cair da minha pele.

Eu fico por um momento com os olhos fechados, esperando que ele me beije novamente. O ar frio substitui o calor entre nossos corpos, forçando-me a abrir meus olhos e aceitar que o beijo acabou.

Ele lentamente volta ao foco. Meu cérebro parece confuso por beijá-lo. Estou um pouco extasiada e meu corpo quer mais. No entanto, não acho que ele esteja sentindo o mesmo. Sua expressão está dividida entre alegria e incerteza; ambas as emoções cintilando em seu rosto.

— Eu, hum... — Ele faz uma pausa. — Vou te ver na aula. — Ele gira e rapidamente se afasta de mim.

Acho que ele não vai visitar Tate afinal.

Eu sei de uma coisa com certeza: o feitiço do amor parece estar funcionando.

Andrew certamente me beijou. Com língua. Ele é um beijador incrível. Beijar deveria ser seu esporte, mas apenas individual, não um esporte de equipe. Eu quero ser a única garota que ele beija. Como filha única, nunca aprendi a compartilhar meus brinquedos. O mesmo se aplica aos meninos. Depois de toda a nossa conversa hoje, eu ainda não sei o seu status de relacionamento. Suponho que ele seja solteiro, já que me convidou para sair, mas por outro lado ele me levou para um local de encontros secretos onde ninguém nos veria.

É uma semana antes do Halloween e minha cabeça está girando com magia e garotos misteriosos. Bem, um garoto. Runas, feitiços mágicos, manchas... oh, cara.

Eu agito minha cabeça para limpar meu cérebro. Eu deveria ficar com a ficção científica. Todo esse hocus-pocus é muito confuso. Eu deveria ter verificado duas vezes para garantir um resultado no feitiço de amor. Os feitiços têm garantias? Eles deveriam.

Capítulo Sete

Eu olho para o meu reflexo amarelo e preto no espelho de corpo inteiro na porta do meu armário.

— Isto? Por quê?— Eu agarro o tutu preto mal cobrindo minha bunda. — Abelha sexy? Inseto sexy? — Eu guincho. — Se eu for como um inseto sexy, não deveria ser um louva-a-deus?

Sam me encara. É meio assustador. — Não, eles comem seus machos depois do sexo. Não é a mensagem que você quer passar hoje à noite. — Ela bufa rindo. — Envie abelha, — ela repete.

— Socorro. Eu não posso ser uma abelha. Os trocadilhos me matarão.

— Espere e pare de reclamar. Eu não terminei com o traje. — Ela coloca uma faixa na cabeça com um minúsculo chapéu preto de bruxa na minha cabeça.

— Eu não entendi isso.

— Pense nisso.

— Eu penso! Eu pareço ridícula. — Meu traje inclui meias com estampa de diamantes na cor neon, o tutu microscópico acima mencionado, e um top listrado amarelo e preto. — Não se esqueça disso. — Eu giro para mostrar-lhe as minhas asas.

— Você é a abelha-bruxa enfeitiçada[14]! — Ela bate as mãos juntas com alegria. — Pegou? É brilhante.

---

[14] Enfeitiçada=bewitched, sonoramente parecido a Bee-witched ,bee=abelha+witched=enfeitiçada , que ela usa como trocadilho.

— Se você mesma diz isso. — Eu luto com um sorriso. — Bem. É inteligente.

— Andrew vai adorar!

— Ele tem um fetiche por abelhas que eu não sei? Uma paixão por todas as coisas de mel? — Eu tento puxar minha saia inexistente para baixo apenas para ter minhas mãos golpeadas por Sam.

— Não que eu saiba, mas você está super quente. Ele não será capaz de resistir.

A última parte é verdadeira. O feitiço do amor está claramente funcionando. Nosso encontro de chocolate e o beijo provaram isso, certo? Ele sentou ao meu lado na aula novamente. Nós trocamos números, e mandamos mensagens várias vezes.

Que é ótimo, mas não é. Ele nem tentou me beijar novamente ou me convidou para outro encontro.

Ele realmente gosta de mim ou é o feitiço?

Há apenas uma maneira de descobrir. Eu levanto o coração da minha caixa de joias e amarro no meu pescoço.

— Vermelho não combina com a coisa das abelhas, Maddy. — Sam enruga o nariz. — Você tem que usá-lo hoje à noite?

— Escute, eu cedi e deixei você me vestir como uma abelha, quer dizer, uma abelha-bruxa. Deixe-me usar o colar.

— Se você insiste. — Ela ajusta seu espartilho e cartola. — Você acha que Tate vai gostar disso?

— Eu não tenho ideia, mas ele é um cara com olhos, então eu acho que ele vai adorar.

O traje de Sam é uma espécie de viajante do tempo, Tecnavapor[15], uma gostosa vestindo corset. Ela é uma leiteira fodona com suas tranças e o revólver estilo vintage preso à cintura.

Eu pareço uma abelha. Usando um chapéu. E um tutu. Pelo menos minhas pernas parecem ótimas. Eu deveria estar feliz, por não ser uma louva-a-deus sexy.

***

As lanternas de abóboras e luminárias cobrem a longa entrada da enorme mansão de pedra que os Winthrops chamam de casa de veraneio. Está muito longe do bangalô de dois quartos que meus avós têm em Cape Cod. Formas fantasmagóricas brancas pairam nas árvores e balançam na brisa. Figuras sombrias saem da casa para o gramado e a garagem. É impossível identificar alguém, devido à luz inexistente, fumaça falsa e fantasias. Um par de gatas pretas sexy passa correndo por nós, guinchando e segurando o rabo. O olhar de Sam encontra o meu e, mesmo no escuro, posso vê-la revirar os olhos.

— Onde você acha que Tate e Andrew estão? — Eu pergunto quando nos aproximamos da escadaria de pedra que leva até a porta da frente. — Nós nunca vamos encontrá-los.

— Acabamos de chegar aqui, não perca a fé ainda. — Ela pega minha mão e me leva para dentro, onde a multidão preenche o

[15] Steampunk também conhecido como Tecnavapor é um subgênero da ficção científica, ou ficção especulativa, que ganhou fama no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.

grande saguão escuro com uma escadaria dupla. Hip hop alto pulsa de vários alto-falantes.

— Vamos encontrar o bar, — ela grita sobre o patamar pulsante.

Permito-me ser levada mais fundo no labirinto de corredores, sentindo o desejo de deixar um rastro de migalhas de pão atrás de mim para encontrar o caminho pra fora de novo. Nós passamos pelas portas abertas, salas que podem ser chamadas de escritórios ou antros, cada uma cheia com um sortimento aleatório de foliões fantasiados. Coelhinhas sexys conversam com zumbis apodrecendo enquanto médicos vampiros flertam com enfermeiras sensuais.

Eu espio Hamilton vestido como um cafetão, com um horrível chapéu de zebra roxo de cafetão. Repugnante. Se esse feitiço de amor e magia realmente funcionar, planejo comprar um feitiço para lhe dar furúnculos. Ou que faça o seu pau murchar e encolher, se é que isso é possível. Ele definitivamente não tem o pau para sustentar sua atitude arrogante.

Depois de perguntar a um hobbit sobre o bar, saímos em um grande terraço nos fundos com vista para a praia escura e águas negras além. Um imenso bar, cheio de frascos bizarros de poções fumegantes, fica à esquerda. Tem poucas pessoas quando nos juntamos à fila do bar. Eu examino o espaço por uma forma familiar, alta e esguia, enquanto Sam conversa com a Tardis sexy na fila atrás de nós. Ainda não há sinal de nossos anfitriões.

— Qual é a sua poção hoje? — Uma voz familiar me pergunta.

Minha cabeça gira tão rápido que meu chapéu de bruxa quase voa. Andrew está atrás do bar, de terno e casaco.

— Maddy?

— Andrew? Ou devo dizer, Dr. Who[16]?

— Quem? — Sam pergunta.

— Ele é Doctor Who. — A sexy Tardis zomba de nós enquanto inclina seu decote na direção de Andrew. O fato de ela estar decotada enquanto vestida como uma cabine de telefone azul britânica ganha seus pontos de bônus pela execução de figurinos.

Os olhos de Andrew se arregalam antes que ele desvie o olhar o mais rápido possível.

— Eu ouvi você pela primeira vez e é por isso que perguntei quem? — Diz Sam.

— Ele é Who, — eu respondo.

— Quem?

— Eu sou Who. — Andrew ri.

Sam resmunga sobre piadas internas.

— Sam, seu traje é do Doctor Who, do show do mesmo nome, — eu explico.

Os olhos de Sam vão e voltam entre nós como se ela estivesse assistindo a uma partida de tênis. — Oh, um daqueles programas nerds que Maddy assiste. Explica o casaco de tweed.

---

[16] Who= Quem, daí o trocadilho e a confusão.

Andrew faz uma careta para ela. Ele se concentra em mim com uma inclinação perplexa de sua cabeça. — E o que você é? Uma abelha sexy? — Seus lábios se curvam com um sorriso.

— Agh, não. Eu sou...

— Ela é abelha-bruxa enfeitiçada! — Sam deixa escapar, ainda extremamente satisfeita com a ideia dela.

Andrew sorri e se inclina sobre o bar. Eu o espio, me aproximando para que ele possa falar diretamente no meu ouvido. Eu posso ter tirado a Tardis do caminho com o quadril, por acidente. Oops.

— Você me enfeitiçou, coração e alma. — Ele cita o Sr. Darcy.

Eu quase desmaio, e de fato balanço nos meus saltos ridiculamente altos. Eu lentamente pisco algumas vezes.

Ele sorri com a minha reação, compartilhando nosso momento secreto, antes de voltar a se endireitar. Os sinos tilintam e meus olhos procuram sua fonte, mas não consigo encontrá-la.

Em vez disso, digo a primeira coisa que me vem à mente: — Seus olhos estão diferentes. Eles são azuis. Ou cinza. — Eles me lembram dos olhos de outra pessoa, mas no meu 'estupor oh meu deus ele citou Darcy' eu não consigo descobrir de quem.

Ele olha para mim por alguns segundos. — São lentes. Você gosta? — Ele bate seus cílios ridiculamente longos e escuros, me deixando sem palavras novamente por um momento.

— Maddy, — ele pergunta.

Eu dou-lhe um sorriso tímido. — Eu gosto, eles são muito bonitos, mas sinto falta dos seus óculos.

— Bom saber. — Ele acena para mim, outro sorriso brincando em seus lábios. — Agora que nós esclarecemos isso, qual é a sua poção? — Ele aponta para os rótulos em uma fileira de enormes frascos de vidro.

O número nove é rosa e muito menos assustador do que o número preto treze ou o número verde leitoso seis. — Número nove, por favor.

— Excelente escolha. — Tate aparece do nada. Ele está vestido de preto com uma longa capa preta; seus dreadlocks estão puxados para trás e enfiados sob uma cartola alta. — A poção do amor.

Minha boca cai aberta. Sam ri ao meu lado antes de pedir a mesma coisa. Tate nos entrega dois copos fumegantes de líquido rosa, que tem gosto de morangos.

Enquanto Sam e Tate conversam, Andrew serve bebidas para um lobo adolescente e uma fada. Eu o observo e brinco com meu amuleto de coração. *Se eu tirar agora e deixar cair, isso selaria meu destino com Andrew? Eu quero que ele se apaixone por mim por causa de um feitiço ou poção? Será que isso contará como amor verdadeiro?*

Antes que eu possa decidir, Sam me leva para a pista de dança. Aceno para Andrew antes que a multidão nos engula.

A música é mais alta por dentro e me perco no ritmo. Nós dançamos até o centro da pista de dança lotada, no que parece ser uma sala de jantar sem seus móveis.

Eu pego as mãos de Sam e levanto nossos braços no ar, rindo juntas enquanto batemos os quadris. As pessoas nos empurram, fazendo com que nos separemos.

Um homem macaco gira em torno de Sam e, em seguida, dá-lhe a banana. Eu rio tanto em suas brincadeiras, que me inclino para recuperar o fôlego... e sinto a fita no meu pescoço soltar e ceder antes de cair no chão.

Ah não.

O coração.

Eu congelo e analiso a multidão, prendendo a respiração, desejando que Andrew estivesse em pé na minha frente. Em vez disso, meu pior medo caminha em minha direção. Um chapéu de cafetão zebra roxo se move através da multidão em nossa direção. Cabelo loiro e olhos castanhos entram em foco. Hamilton pisca para mim, lambendo os lábios no que eu suponho que deveria ser um gesto sexy. Não é.

Não. Não. Não.

Eu fecho meus olhos e giro ao redor, tropeçando quando me encontro com a parede sólida do peito de alguém. Um par de mãos envolve meus quadris, me firmando.

Eu suspiro e abro os olhos para encontrar os azuis pálidos e um sorriso torto. — Oi. — Eu exalo em alívio.

Andrew pega minha mão, me afastando da pista de dança e de Hamilton. Do lado de fora, ele continua passando pelo terraço, conduzindo-me por um caminho de pedras até a praia.

— Meu coração!— Eu exclamo, parando no meio do caminho.

— O quê?

— Eu perdi meu pingente de coração na pista de dança. Eu deveria ir encontrá-lo.

— Você nunca vai encontrá-lo na multidão.

Eu franzo a testa enquanto as lágrimas molham meus olhos. Eu não posso acreditar que estou chateada por deixar cair o coração na frente de Hamilton.

Ele pressiona o dedo indicador no meu lábio inferior. — Não é importante, é?

O amuleto em si não vale nada, mas como posso confessar a ele como é importante encontrá-lo, ou o que é mais importante, ele achá-lo para o feitiço de amor ser completado.

Ele me estuda por um minuto antes de segurar minha bochecha.

Quero beijá-lo de novo, mais do que quero encontrar o coração, ainda mais do que me preocupo com a mágica supersticiosa do hocus-pocus. Eu me inclino para frente e pressiono meus lábios nos dele.

Ele responde envolvendo seus braços em volta da minha cintura e me puxando para mais perto. Com meus saltos, a diferença de altura é muito menor e eu posso facilmente estender minhas

mãos em seus cabelos. Seu casaco aberto forma um casulo ao nosso redor enquanto ele roça seus lábios contra os meus. Eu exalo um suspiro suave.

Nós nos beijamos como se ninguém pudesse nos ver, como se fossemos as duas últimas pessoas vivas, ou as primeiras pessoas a se apaixonarem. Nós nos beijamos como se estivéssemos nos apaixonando.

Minha cabeça gira enquanto a terra se move sob meus pés. Braços fortes me firmam. Incapaz de recuperar o fôlego, interrompo o beijo, acariciando meu nariz em seu pescoço.

Isso é se apaixonar.

— Madison, — ele sussurra no meu cabelo.

— Mmm.

— Eu tenho que te dizer uma coisa.

— Ok. — Eu levanto a cabeça para encontrar o seu olhar.

Seus polegares acariciam minhas bochechas enquanto ele olha nos meus olhos, seu pomo de adão balançando enquanto ele engole. — Eu sei sobre o feitiço de amor.

Capítulo Oito

— O quê? — Eu tento me afastar dele, mas ele deixa cair o braço em volta da minha cintura para me segurar no lugar. Portanto, tudo o que consigo é dobrar para trás e moer meus quadris contra ele.

Oh. Com feitiço ou sem feitiço, Andrew gosta de mim. Realmente gosta de mim.

Eu tenho provas concretas... contra a minha barriga. Quando ele geme e afasta seus quadris, eu faço beicinho um pouco.

— O feitiço? — Ele me lembra.

Oh, certo. O feitiço.

— Eu nem acredito em magia. Era tipo uma piada e perdi o pingente de coração. Meu amor verdadeiro deveria encontrá-lo quando caísse, mas você não o fez. Então eu vi Hamilton primeiro. Então não funcionou, — eu falo.

Andrew para e fica em silêncio.

Eu rebobino o que eu disse. Não acreditar em magia, piada, não funcionar... amor verdadeiro... ele.

Fechando meus olhos, desejo que uma bruxa voe em uma vassoura e me leve embora. A praia e a água gelada ficam a poucos metros de distância. Uma curta corrida e eu poderia me jogar no mar. Um final dramático, mas perfeito, para toda essa travessura de feitiçaria. Esqueça a morte por chocolate ou por Andrew, eu vou com o final da bruxa clássica: afogamento.

Sua voz profunda ressoa com diversão reprimida e interrompe meus pensamentos sentimentais.

— Madison, abra seus olhos.

Eu abro um olho e depois lentamente o outro.

Andrew sorri para mim. — Mesmo se você não acredita em magia, eu acredito.

— Você acredita?

Ele concorda. — Claro.

— Mesmo?

— Duvida a garota que usou um feitiço de amor em mim. — Ele ri e roça um beijo nos meus lábios. — Se você não acredita, só um pouco, por que você está preocupada com o feitiço funcionando ou não?

Ele me pegou. — Eu, hum. — Faço uma pausa e respiro fundo para ganhar algum tempo. — Se funcionou, então você não gosta de mim, está enfeitiçado. Ou o que quer que seja. E se não funcionou, estou envergonhada e sou idiota.

— E se eu disser que não funcionou, mas ainda estou enfeitiçado, embora prefira a palavra encantado.

Encantado. Minha pele se arrepia e aquece.

— Caminhe comigo? Eu quero te mostrar uma coisa. — Ele entrelaça os dedos com os meus e gentilmente me puxa pelo caminho.

Eu sigo. Claro.

A praia está tranquila, exceto por pequenas ondas batendo contra a costa rochosa. Areia e rochas são loucuras com esses saltos, então eu os removo e ando descalça sobre a areia fria e úmida. Uma grande sombra reina na praia. Quando nos aproximamos, percebo que é uma pilha de madeira para uma fogueira.

— Esta é a surpresa da meia-noite? — Eu circulo a pira.

—É. Esta noite é Samhain, bem como o Halloween. Você sabe sobre isso? —Ele está atrás de mim, mas a distância.

— Sam e Sarah me disseram um pouco. É a noite em que o limiar entre os mundos se torna mais fino e a magia é mais fácil.

— Sarah? — Ele para abruptamente de andar.

Eu também paro e olho para ele. — Sarah, no The Spelling B.

Ele sorri e assente. — Eu deveria saber.

— Saber o quê? — Eu me aproximo. Seus olhos quase brilham com a luz da lua acima da baía. — Suas lentes me lembram dos olhos dela.

— Que estranho. — Ele olha para o relógio. — Eu vou explicar tudo em um minuto.

Com um olhar por cima do ombro em direção a casa, ele se agacha perto da madeira. Ele mantém as mãos na frente dele e uma faísca atinge a lenha. Eu nunca vejo o fósforo. Em segundos, uma labareda azul se espalha pela pilha antes de se transformar em uma chama quente. Chamas atingem o céu.

— Eu nunca vi uma fogueira acender tão rápido, — eu digo com admiração. — Como você fez isso?

Ele dá de ombros e enfia as mãos nos bolsos da jaqueta.

— Sério, como você fez isso? Fluido de isqueiro? Eu nem vi você usar um isqueiro.

— Eu não usei.

— O quê? Isso é impossível.

— Não se você acredita em magia.

Estou totalmente, completamente e absolutamente confusa.

— Andrew?

— Ah hãh. — Ele se aproxima e agarra meus quadris acima do meu tutu.

— O que está acontecendo?

— Hmm… bem, se você não acredita em magia, nada. Apenas duas pessoas paradas perto de uma fogueira.

— Uma fogueira que você acendeu com suas mãos.

— Não se você não acredita.

— Mas eu vi com meus próprios olhos.

— As aparências podem ser deliberadamente enganadoras.

— Você está falando em enigmas.

— Eu estou esperando que você decifre sem eu ter que soletrar[17] para você. — Ele ri de seu trocadilho e me beija novamente.

Eu me permito cair no beijo, mas minha mente continua girando com perguntas. Andrew Wildes não é o que parece.

Algo faz sentido.

---

[17] Aqui é usado 'spell it out' que é parecido a spell=enfeitiçar, daí o trocadilho.

— Você não está usando lentes hoje, não é?

Eu posso sentir seus lábios se curvando em um pequeno sorriso contra a minha bochecha.

— Eu acho que você está decifrando. — Enquanto ele fala, sua barba esfrega contra a minha pele.

— Óculos?

— Lentes falsas. — Um beijo no meu pescoço.

Minha testa se enruga.

Ele beija as rugas.

— Espera. Lentes de contato e lentes falsas?

Ele assente, ou pelo menos inclina o queixo no início de um aceno de cabeça. Seus olhos azuis glaciais perfuram através de mim. Eu tremo com a poderosa frieza de seu olhar.

— Tudo parte da ilusão.

— A princípio nos vestimos para iludir? — Pergunto. Quando eu cruzo meus braços, minhas asas apertam meus ombros. Essa conversa é surreal o bastante além do fato de que está acontecendo enquanto eu estou vestida como uma abelha. — O quieto, solitário que ninguém percebe.

Ele levanta um ombro em resposta.

— Mas por quê?

— Talvez eu não quisesse ser quem todos esperavam que eu fosse.

— Porque você é daqui. — Ainda estou sentindo falta de alguma coisa.

— E minha mãe.

Eu suspiro quando as peças se encaixam como um quebra-cabeça se juntando. — Sua mãe é Sarah no The Spelling Bee!

— A dama está no caminho certo. — Ele gesticula para eu continuar.

— Sua mãe é a bruxa mais poderosa de Salem.

— Ding, ding, — ele diz categoricamente.

— Sam me disse que Sarah é uma bruxa de verdade. — Eu paro e fico boquiaberta para ele. — Isso significa …

— Sou um bruxo.

Não é uma pergunta.

— Você é um bruxo?

Ele concorda.

Eu concordo. — Então o fogo?

Ele balança os dedos na minha frente.

— E o feitiço de amor?

Sua risada é suave, mas sincera. — A pimenta me deixou desconfiado. Quando vi seu pingente de coração hoje à noite, eu o reconheci da loja da minha mãe.

Minhas bochechas esquentam e não do calor da fogueira. — Estou tão envergonhada.

— Não fique. — Ele me beija novamente. — Esses feitiços não funcionam.

— Como você sabe?

— É contra as regras do coven influenciar emoções.

— Ainda bem para nós, meros mortais, pensar que eles são?

— É tudo sobre o poder da sugestão. — Ele parece convencido.

— Então, de acordo com você, o feitiço não funcionou?

— Certo.

— Mas você está me beijando.

— Não agora eu não estou. — Ele beija o canto da minha boca. — Ou agora. — Ele beija o outro canto, então sorri contra a minha bochecha.

Eu sorrio de volta.

— Eu gosto de você, Madison. Muito. Eu gosto desde que você era uma caloura.

Eu franzo meu nariz. — Eu não te conhecia então. — Eu paro. — Oh. O menino que ninguém percebe.

Ele assente, observando-me cuidadosamente com uma expressão cautelosa.

— Um bioquímico em um seminário de literatura inglesa?

Ele encolhe os ombros. — Eu sinceramente gosto de ler, mas talvez tenha descoberto que você estaria na aula do Philips.

— Magia?

— Amigo trabalhando no escritório de registros.

— Qualquer outra magia que eu deveria saber?

Ele olha para baixo, a seus pés. — Talvez.

Eu uso meu dedo indicador para levantar seu queixo.

Ele mal encontra meus olhos. — A cadeira de Hamilton não caiu sozinha.

Minhas sobrancelhas tocam meu couro cabeludo. — Eu pensei que tivesse desejado aquilo!

— Você meio que fez. Eu pude ler seu rosto e ajudei um pouco.

— Quando mais?

— A chuva quando você não aceitou meu guarda-chuva.

— Você pode controlar o tempo?

Ele concorda. — Não no grande esquema das coisas, mas temporariamente.

— E Sam cancelando café?

Pressionando os lábios juntos, ele balança a cabeça. — Uma feliz coincidência. Eu estava trabalhando em algo, mas não precisei usar.

— Então você é um bruxo de verdade.

Seu sorriso retorna. — Eu sou. E você é a garota Bradbury.

As palavras estranhas de Sarah ecoam na minha cabeça. *Uma garota Bradbury de cabelos castanhos.*

— Eu sou. — Eu dou-lhe um olhar interrogativo.

— Mary Bradbury sobreviveu aos julgamentos das bruxas de Salem, mas Sarah Wildes não. Há uma longa história entre nossas famílias. E... — Ele faz uma pausa e exala. — Minha mãe viu você entrar na minha vida há dois anos.

— Ano de caloura.

Ele acena novamente, puxando-me em seus braços.

— Você deve ter ficado aliviado por ela não dizer que Dorcus Hoar seria seu verdadeiro amor.

Andrew joga a cabeça para trás e ri tanto e tão alto que deve ecoar na água. — Tão aliviado.

— Pobre Dorcus. Perseguida quando viva e ridicularizada na morte.

— Eu posso chamá-la de Dorcus, se você se sentir tão mal.

Eu franzo meu nariz. — Por favor, não faça isso. — Eu o beijo entre as risadas. Risadas com beijos é melhor que risadas com roncos.

Ele para de rir e seus olhos se concentram nos meus. — Eu tenho esperado por você por um longo tempo.

Eu diria mais, mas seus lábios batem contra a minha boca, e sei que ele esperou tempo suficiente.

Opas e gritos vindo pelo gramado nos separam, mas Andrew segura depressa a minha mão, não me deixando sair do seu lado. Vários festeiros tropeçam em direção ao fogo, entre eles Tate e Sam caminhando juntos, braços entrelaçados.

Eu encontro o olhar de Andrew.

Ele se inclina para frente e beija minha têmpora antes de sussurrar: — Não diga a Sam que seu feitiço também não funcionou.

Meus olhos se arregalam.

Se ela precisa acreditar em feitiços, assim seja.

Eu acredito em magia real.

Continua.....